

Universidade Católica de Goiás  
Departamento de Filosofia e Teologia  
Mestrado em Ciências da Religião

Intenção do Texto: O Diabo e a Guerra Santa no Imaginário dos  
Pentecostais: Espiritismo em confronto

Jean Veríssimo

Goiânia, 2005

Universidade Católica de Goiás  
Departamento de Filosofia e Teologia  
Mestrado em Ciências da Religião

Intenção do Texto: O Diabo e a Guerra Santa no Imaginário dos  
Pentecostais: Espiritismo em confronto

Jean Veríssimo

Orientador: Prof. Dr. J. C. Avelino da Silva

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em  
Ciências da Religião como requisito para obtenção de  
grau de mestre.

Goiânia, 2005

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM  
20 DE DEZEMBRO DE 2005  
E APROVADA COM A NOTA 9,0 (NOVE INTEIROS)  
PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dr. J. C. Avelino Silva / UCG (Presidente)\_\_\_\_\_

2) Dr. Luigi Schiavo / UCG (Membro)\_\_\_\_\_

3) Dr. Dulce O. Amarante dos Santos / UFG (Membro)\_\_\_\_\_

. “Vivam como se vocês fossem morrer amanhã.  
Mas aprendam como se vocês fossem viver eternamente “.

Em agradecimento.

A todos que participaram da construção desse trabalho.

A minha mãe, irmão e irmãs, que tanto me apóiam e,  
elevam meu astral para persistir com vitórias na vida.

Aos meus amigos, que fazem do meu existir uma beleza única.

Ao Avelino que tanto ajudou e orientação forneceu.

Obrigado.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O Espiritismo no Imaginário pentecostal.....</b>	<b>20</b>
1.1 Pentecostais, quem são?.....	22
1.2 Pentecostais e os porta-vozes.....	26
	<b>2. Guerra</b>
<b>Santa.....</b>	<b>34</b>
2.1 Guerras e o Sagrado.....	34
2.2 O Diabo e o poder simbólico.....	39
<b>3. Espiritismo Kardecista.....</b>	<b>46</b>
3.1 O Espiritismo no Brasil.....	46
3.2 Umbanda.....	52
3.3 As Religiões Afro-brasileira.....	56
3.4 O Espiritismo e Allan Kardec.....	58
3.4.1 A Doutrina Espírita.....	61
3.5 O espiritismo como religião.....	69
3.6 O Céu e o Inferno.....	72
3.6.1 Demônios.....	74
3.6.2 Anjos.....	75
	3.6.3
Jesus.....	75

3.7 O Espiritismo no Imaginário Pentecostal.....	76
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

## RESUMO

VERÍSSIMO, Jean F. D. *Intenção do texto. O Diabo e a Guerra Santa no imaginário dos Pentecostais. O Espiritismo em confronto*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

Esta pesquisa se propõe a investigar o imaginário dos pentecostais. Para tanto, limitou-se a interpretar alguns textos (intenção dos mesmos) dos porta-vozes intelectuais das Igrejas Pentecostais. Esses são considerados textos arquétipos, isso possibilita o crescimento dos pentecostais. Para justificar essa afirmação, é feito um estudo da guerra santa e do Diabo, numa perspectiva histórica, em que os mesmos foram passados de geração para geração, e estão presentes no inconsciente coletivo. No imaginário dos pentecostais, as ofertas simbólicas concorrentes são relacionadas com o Diabo, segundo a intenção dos textos estudados. Aqui é proposto estudar uma dessas ofertas simbólicas concorrentes, o Espiritismo. Para tanto, foi feito um estudo do kardecismo no Brasil e a relação desse com as obras de Kardec, e por fim é exposto o espiritismo no imaginário pentecostal. O espiritismo é uma das representações do Diabo no imaginário pentecostal. Essa atitude (demonizar as ofertas simbólicas concorrentes) teria como objetivo possibilitar a hegemonia dos pentecostais no campo religioso.

### **Palavras chaves:**

Imaginário, Diabo, Guerra Santa, Poder Simbólico, Espiritismo, Pentecostais.

## ABSTRACT

VERÍSSIMO, Jean F. D. *Intention of texts. The Devil and the Holy War in the pentecostal imaginary. Spiritism in confrontation.* Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

This research is proposed to investigate the imaginary of pentecostals. To achieve this goal, it is limited to interpret some papers (and its intentions) of the intellectual spokesmen of pentecostal "churches". These are considered archetypes papers and it makes possible the increasing in the number of the faithfuls. To prove this idea, we make a study of the holy war and of the devil, in a historic perspective, where these archetypes are transmitted from generation to generation. Inside the pentecostal imaginary, the rival symbolic offers are related to the devil, second the intention of these papers. We propose to study one of these rival symbolic offers, the Spiritism. For this, we did a study covering the Brazilian Kardecism and the relation with Kardec's theories. In the end we expose the Spiritism inside pentecostal imaginary. This attitude (to devil the rival symbolic offers) has as main goal to make possible the hegemony between pentecostals "churches" inside religious subject.

### KEYWORDS :

Imaginary, Devil, Holy War, Symbolic Power, Spiritism, Pentecostal

## INTRODUÇÃO

Um fenômeno chamou e chama muita atenção de quem se põe a observá-lo, estudá-lo e pesquisá-lo: o crescimento dos evangélicos no Brasil.

Segundo reportagem da Revista *Veja* (2001, p. 128), o número de evangélicos no Brasil passou de 2,6% da população em 1940 para 9% em 1991, e de 9% para 15% da população brasileira em 2001. Ainda segundo a *Veja* (2002, p.89), em Goiás, o índice de evangélicos supera os 20% da população. O crescimento e ação dos evangélicos no mercado simbólico vêm aumentando consideravelmente.

Na reportagem de *Veja* (2002, p. 89), o número dos evangélicos no Congresso Nacional passou de 8 em 1982 para 51 em 1998. As horas/semana de programa na televisão eram de uma em 1975 para noventa em 2001, com o lançamento de cinco CD's por mês e com o faturamento de cerca de 3 bilhões de Reais por ano com vendas de mercadorias evangélicas.

Como é possível tal crescimento dos evangélicos?

Cerca de 99% dos brasileiros acreditam em Deus (*Veja*, 2001, p. 125). Esse é um princípio para tentarmos entender o crescimento dos evangélicos? Se 99% dos brasileiros acreditam em Deus isso significa que a fé aqui é muito grande, conseqüentemente ela é bem usada pelos evangélicos, para atrair mais fiéis.

Segundo um estudo feito na Universidade de Harvard, a fé só foi possível com a evolução do homem e ela permitiu o surgimento das primeiras civilizações no Mundo, isso “cientificamente provado”.

Como mostrou Darwin, a fé não está gravada nos nossos genes, mas nasceu, como o fogo e a escrita, do espírito investigativo humano. Desde então se tornou companheira inseparável da humanidade no processo evolutivo. Foi um achado. “A mente humana evoluiu para acreditar nos deuses. A aceitação do sobrenatural significou uma grande vantagem por toda a pré-história, quando o cérebro estava evoluindo”, afirmou o biólogo Edward O. Wilson, da Universidade Harvard. Com a crescente organização e a complexidade das sociedades humanas, a fé tornou-se um poderoso fator de união (...) foi à base do surgimento das primeiras civilizações (Veja, 2003, p. 110).

Então a fé é muito importante. Como se dá o crescimento dos evangélicos?

A fé no Diabo seria o segredo do aumento do número de evangélicos na sociedade e na cultura brasileira?

Cerca de 81% dos evangélicos acreditam no Diabo, superando todas as demais ofertas simbólicas. A fé no Diabo é reconhecida por 44% dos Católicos, 43% sem religião, 22% dos espíritas e adeptos do candomblé (Veja, 2001, p. 126).

Tudo que foi dito é esclarecedor, mas falta muito. Falta uma análise crítica, um olhar do investigador das ciências da religião. Antes de prosseguir a discussão sobre esse fenômeno, o crescimento dos evangélicos, será discutido o que são as Ciências da Religião e logo em seguida voltaremos a discutir sobre o crescimento dos evangélicos, porém numa perspectiva das Ciências da Religião.

Nesse trabalho entende-se como Ciências da Religião, toda ação de investigar o fenômeno religioso. Mas o que são Ciências da Religião?

Em meados do século XIX, o Ocidente passou por mudanças significativas. Revolução Industrial (interior), Conquistas Imperialistas (exterior): isso possibilitou

uma maior relação, intercâmbio entre a cultura ocidental e as culturas externas a essa.

Nesse contexto surgiu a história comparada das religiões (metade do séc. XIX), “com o objetivo de reconstruir a história da evolução religiosa da humanidade” (Filoramo, 1999, p. 7).

Seguindo a história das religiões, outras ciências humanas (lingüística, antropologia cultural, psicologia e sociologia) com seus métodos e interpretações próprias formaram as Ciências da Religião, que se contrapunha à teologia e à filosofia da religião (Filoramo, 1999, p. 7 e 8).

Essa nova disciplina nasceu no meio do paradigma do positivismo, mas no final do séc XIX muitas críticas foram se somando a esse, outros paradigmas vieram a confrontá-lo e substituí-lo, o interpretativo que contém duas tradições: o modelo explicativo e o modelo compreensivo (Filoramo, 1999, p. 8).

O primeiro separa a religião da fé, tornando a religião objeto de estudo crítico na história e antropologia, já o segundo propõem “a autonomia absoluta da religião” (Filoramo, 1999, p, 10).

A teologia (fruto de revelação) e a filosofia (modo axiológico), contradizem aos paradigmas das Ciências da Religião (modo empírico) e são correntes e métodos próximos da subjetividade e da abstração. As Ciências da Religião estuda não a abstração da religião e sim o que é possível de ser visto (Filoramo, 1999, p. 22). As Ciências da Religião é uma disciplina que não estuda o fenômeno<sup>1</sup> religioso com a ótica da fé, mas com a ótica da razão.

Eliade (2001, p, 1) define Ciências da Religião, “como disciplina autônoma, tendo por objeto a análise dos elementos comuns das diversas religiões a fim de

---

<sup>1</sup> Tudo que é percebido pelos sentidos ou pela consciência. Tudo que é objeto de experiência possível, que se pode manifestar no tempo e espaço segundo as leis do entendimento.

decifrar-lhes as leis de evolução e, sobretudo, precisar a origem e a forma primeira da religião...”.

Nesse trabalho o fenômeno religioso será definido por algumas características<sup>2</sup> que serão discutidas abaixo. Para Eliade sagrado opõe-se ao profano, é o centro, cosmo, atemporal, está presente nos mitos, ritos, símbolos e “é o real por excelência” (Eliade, 2001, p. 17-31).

Ainda segundo Eliade (2002), o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial; tempo fabuloso do princípio. No seu trabalho Eliade argumenta que o mito é diferente para o homem arcaico em relação ao homem moderno devido à influência da tradição judaico-cristã, no qual o mito foi relacionado com ilusão, falsidade (Xenófanés); no Renascimento o mito foi considerado como literatura; e houve uma cristianização dos mitos (santos, parábolas).

Mesmo assim segundo Eliade (2002, p. 141-151) o mito continua presente, mesmo que disfarçado, camuflado no mundo moderno.

O símbolo indica uma segunda realidade, elemento que dependendo a quem ele se dirige ou as pessoas às quais ele se dirige tem significados diferentes.

(...) o símbolo implica três elementos: 1º um significante, que é o objeto que toma o lugar de outro, quer dizer, o próprio símbolo, no sentido estrito e concreto da palavra; 2º um significado, a coisa que o significante substitui; 3º a significação, que é a relação entre o significante e o significado, relação que deve ser apreendida e interpretada pelo menos pela pessoa ou pessoas a quem se dirige o símbolo (Rocher, 1971, p. 156, 157).

---

<sup>2</sup> Sagrado, mito, símbolos, rito, institucionalização das experiências religiosas.

Para Rubem Alves (2000, p. 22), os símbolos assemelham-se a horizontes. “Quanto mais deles nos aproximamos, mais fogem de nós. E, no entanto, cercam-nos atrás, pelos lados, à frente. São o referencial de nosso caminhar”.

Na mesma discussão Geertz (1989, p. 144) argumenta que os símbolos estão presentes em todas as religiões, sendo responsáveis por armazenarem os significados do ethos e visão de mundo de uma determinada sociedade.

O rito “é um símbolo em ação. Portanto, é, assim como o símbolo, uma linguagem primária da experiência religiosa” (Croatto, 2001, p. 329).

Com a crescente divisão do trabalho surgiu a especialização religiosa ou profissionalização religiosa, isso possibilitou a institucionalização da religião.

As instituições religiosas desenvolvem-se como padrões de orações – isto é, como culto; desenvolvem-se, ao mesmo tempo, como padrões de idéias ou definições – Isto é, como crenças; e surgem como formas de associações ou organizações. A institucionalização religiosa ocorre no nível intelectual, no nível do culto e no nível da organização. Esses são os três aspectos ou as três faces de um processo de desenvolvimento (O’DEA, 1969, p. 58).

Após essa breve conceituação dos elementos do fenômeno religioso vamos nos limitar a investigar o crescimento dos evangélicos. Antes de prosseguir deixo claro que questões como mito, rito, símbolo, sagrado, serão estudados sobre ou com a utilização do imaginário<sup>3</sup> (esse como ferramenta) e a institucionalização religiosa sobre a ótica do campo religioso<sup>4</sup> e poder simbólico.

Voltando a discussão anterior; quem são os evangélicos?

---

<sup>3</sup> Um conjunto de símbolos que interagem, diretamente com o real. Essa foi uma possível definição, no decorrer do trabalho essa definição será discutida com várias referências.

<sup>4</sup> Campo Religioso e poder simbólico são conceitos desenvolvidos por Bourdieu, e serão conceituados no decorrer do trabalho.

No senso comum são Igrejas doutrinas, manifestações religiosas que vieram da Reforma Protestante<sup>5</sup>. Porém os evangélicos são separados em tradicionais e pentecostais<sup>6</sup>. As tradicionais surgiram na Reforma Protestante ou nesse período histórico, as pentecostais vieram da ação missionárias dos americanos e utilizam a TV e rádio para divulgar suas idéias (Veja, 2002, p. 95).

Weber (2001, p. 122) argumenta que as Igrejas que surgiram na reforma protestante não toleravam nada que cheirasse a superstição<sup>7</sup>, já os pentecostais quando surgiram seguiam concepções supersticiosas, assim, a diferença entre os primeiros para os segundos, no início, é essa questão, a superstição.

Pentecostais é um tema muito discutido por vários autores. Armstrong (2001) afirma que os pentecostais surgiram nos Estados Unidos da América com a ação da caridade, falar em línguas, corpos que levitavam entre negros e brancos pobres no início do século XX. “Pode-se dizer que representou uma rebelião popular contra o moderno culto da razão” (p. 209). Essa rebelião é a superstição que foi falada no parágrafo acima. Em poucos anos espalhou por dezenas de países e hoje é mundial, porém nessa expansão ganhou novas características como a guerra santa, fundamentalismo, ação televangelista<sup>8</sup>.

Segundo Gaader (2000) foi em 1910 na região do Paraná e em São Paulo que a primeira Igreja pentecostal (Congregação Cristã do Brasil) começou sua ação. Em 1911 dois missionários suecos fundaram em Belém do Pará a Assembléia de Deus e afirma que essas Igrejas (não somente as duas citadas, mas as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais) são as que mais cresceram entre os Protestantes ou Evangélicos e as que aumentaram significativamente no cenário nacional.

---

<sup>5</sup> Europa séc. XVI, Lutero um monge da Igreja Católica Apostólica Romana, expõem teses que indicavam uma outra maneira de interpretar o cristianismo, depois veio Calvino, Henrique VIII, e outros.

<sup>6</sup> Além dos pentecostais ainda é utilizado o termo neopentecostal, Mariano (1999, p. 10) argumenta que o Brasil é o país da América Latina com o maior número de evangélicos e que os evangélicos são descendentes da Reforma protestante, os pentecostais do movimento nascido nos Estados Unidos da América.

<sup>7</sup> Nesse trabalho o termo superstição é entendido como cultura popular.

<sup>8</sup> Todos esses termos serão discutidos e definidos no primeiro capítulo do trabalho.

Sobre a questão da mídia sendo usada como meio para propagar as idéias dos pentecostais, Martino (2003) argumenta que o sagrado tornou-se de certa forma uma mercadoria de “fast-food” que qualquer um pode em qualquer momento encontrar a venda do sagrado seja pela imagem (televisão), seja por jornais, revistas, etc.

Martino discute não somente os pentecostais. Além desses, Martino argumenta sobre o uso que os espíritas fazem dos meios de comunicação (impresso), que a Igreja Católica faz com o rádio e televisão. Ele afirma, porém, que o sagrado está em transformação e destaca a ação dos pentecostais que utilizam os meios de comunicação em larga escala para propagarem suas ideologias.

Como afirma Armstrong (2001, p. 208-211) os pentecostais surgiram como exemplo de caridade, porém, mudaram e passaram a ter uma postura fundamentalista<sup>9</sup> e utilizam os meios de comunicação em larga escala.

Mariano (1999) concorda com essa utilização em larga escala por parte dos pentecostais dos meios de comunicação, destaca em sua obra os *Neopentecostais*<sup>10</sup>, e discute muito sobre a biografia de Macedo (líder da Igreja Universal do Reino de Deus), relata a compra e utilização da rede Record por parte dele e da Igreja para propagar as idéias dos pentecostais, além de outras Igrejas como Assembléia de Deus. Mariano discute a respeito e argumenta sobre a presença muito grande de características da religiosidade popular que se encontra no meio dos pentecostais.

A guerra santa (atitude de combater as ofertas simbólicas concorrentes) que os pentecostais propagam é constantemente revitalizada com objetos distribuídos nos cultos, passados na televisão como algo cotidiano, e constantemente reafirmado pelos porta-vozes por meio de posturas fundamentalistas calcadas nas escrituras bíblicas.

No Brasil comumente é utilizada a denominação pentecostal e neopentecostal. Freston (1996), argumenta que o movimento dos pentecostais está dividido em três ondas, cuja última é considerada neopentecostal. Esta por sua vez

---

<sup>9</sup> Também conhecido como radicalismo religioso.

<sup>10</sup> Termo utilizado por Mariano (1999), onde esses se diferenciam dos pentecostais devido a quatro pontos básicos: guerra santa, teologia da prosperidade, “relaxamento moral” e forma empresarial de organizar a Igreja (Moreira, 1996). Mesmo sendo um termo utilizado na academia não irei empregá-lo nesse trabalho, pois o estudo volta-se para a intenção de alguns textos dos pentecostais. Esse termo é utilizado no plural, justamente para se referir tanto aos pentecostais como os neopentecostais.

é a mais estudada por Mariano e Martino. Ele, porém afirma que o sagrado de uma forma geral está mudando.

Gomes (1999) propõe uma discussão sobre a Igreja Universal e estende as características da mesma para as demais Igrejas do movimento pentecostal que seriam os demônios, exorcismo, oferta, cura e a posse.

A posse seria, entre todas as características a mais importante, pois com ela o fiel pode cobrar resultados de Deus, e expulsar os demônios.

Fry (1982) discute o crescimento do pentecostalismo em São Paulo. Afirma que o pentecostalismo é uma nova forma de calvinismo, enfatiza o racionalismo, individualismo, acusação das ofertas simbólicas concorrentes (religiões afro-brasileiras, espiritismo) e é um grande apoio para o capitalismo, pois não é uma ação da burguesia, porém ajusta os fiéis para o mundo capitalista.

Para Passos (2005) os pentecostais contêm origens<sup>11</sup> iguais, mesmo com um começo diferente. Assim são utilizados os termos pentecostais e neopentecostais.

Nesse trabalho o termo pentecostais é utilizado por estar ligado à idéia de origem dos pentecostais e não o começo dessa ou daquela Igreja, além disso, dois pontos centrais do trabalho, Diabo e guerra santa são comuns<sup>12</sup> entre pentecostais e neopentecostais.

Isso justifica o título do trabalho.

Os pentecostais são um movimento que visa propagar suas ofertas simbólicas por meio da guerra santa, teologia da prosperidade, postura fundamentalista, utilização em larga escala dos meios de comunicação, e ajusta o fiel para o mundo capitalista.

Porém os pentecostais (discursos dos porta-vozes nos textos estudados) no seu imaginário utilizam a cultura popular ou erudita? Possuem uma postura de circularidade cultural<sup>13</sup>, em que ambas (cultura popular predomínio da oralidade e erudita predomínio da escrita) são utilizadas.

---

<sup>11</sup> Segundo Passos (p. 21, 2005) "O começo diz respeito ao início no tempo e no espaço, quando uma coisa começa a existir ou um fato ocorre... origem pode, diferentemente, ter um sentido de fonte permanente, de onde jorram o fundamento e o sentido que sustentam uma determinada coisa."

<sup>12</sup> São comuns devido ao fato de estarem presentes nessas Igrejas, seja pentecostais ou neopentecostais, mesmo que na prática tenham algumas diferenças (ritos por exemplo).

<sup>13</sup> Termo utilizado por Ginzburg (1998, p. 21).

Um dos conceitos centrais do trabalho é o imaginário. O Imaginário se refere por excelência ao simbólico ou sistemas simbólicos de um determinado grupo, sociedade, cultura, etc.

O poder simbólico como argumenta Bourdieu (B) (2003), é um poder que possibilita (sem que um grupo tenha consciência) numa determinada cultura o controle e submissão das pessoas pertencentes a esse grupo sem que elas se sintam reprimidas ou controladas. É um poder que pode tanto ou mais como o poder físico (militar), político e econômico.

Ainda como salienta Bourdieu (A) (2003), só foi possível existir o campo religioso com a especialização do trabalho, assim surgiu um campo específico da religião, esse por sua vez é estruturante externo e estruturado internamente, e está relacionado com os outros campos (político, econômico, cultural, etc).

Essas definições que foram propostas serão discutidas, mais profundamente no decorrer do trabalho. Serão desenvolvidos três capítulos nesta pesquisa. Toda a pesquisa se restringe a estudar parte da literatura presente a respeito dos pentecostais e se volta para uma postura de Ciências da Religião.

No primeiro capítulo é discutido “O Espiritismo no Imaginário Pentecostal” num recorte da intenção do texto de alguns porta vozes<sup>14</sup> das Igrejas Pentecostais. Esses textos tem por base os arquétipos, sendo um dos motivos que possibilita o crescimento dos pentecostais na sociedade brasileira.

No segundo capítulo foram reunidos argumentos (sobre dois aspectos) com o objetivo de confirmar que os textos dos porta-vozes tem por base os arquétipos. Essas argumentações foram limitadas ao estudo da guerra santa e do Diabo. Este, entre outras características, está presente nos textos estudados.

---

<sup>14</sup> Representante intelectual da Igreja. Soares (1984), Macedo (2004) e Itioka (1990).

As duas características estudadas não são exclusividade dos pentecostais, foram passadas de geração para geração, e estão presentes no imaginário coletivo ou social global<sup>15</sup>.

Os textos estudados legitimam o poder simbólico dos pentecostais, e deslegitimam as ofertas concorrente, caracterizando-as como a representação do Diabo. A categoria imaginária nesse trabalho é ponto central para a discussão dessa idéia, pois, na intenção dos textos, é criado um imaginário que convoca os fiéis para combaterem o inimigo numa guerra santa, e indica a arma mais poderosa para tal atitude, a Igreja<sup>16</sup>.

O terceiro capítulo estuda o kardecismo, que é um dos “inimigos” na guerra santa, e uma das representações do Diabo no imaginário pentecostal.

Esse recorte leva a pesquisa a investigar essa religião (O Espiritismo Kardecista), e discute a diferença da mesma com outras religiões. Por fim discute o imaginário pentecostal sobre a mesma.

---

<sup>15</sup> Geertz (2001, p. 157).

<sup>16</sup> Nos textos estudados a “Igreja” é responsável por combater o inimigo, o demônio. Eliade (2001, p. 27 – 38) discute sobre o espaço sagrado. Esse é o centro, o cosmo, o local que limita o sagrado do profano, onde o inimigo é vencido e revelado, onde o ser humano sobe até Deus simbolicamente, um veículo de passagem para o céu. No imaginário pentecostal a “Igreja” defendida nos textos passa por essas características de espaço sagrado.

## 1. O Espiritismo no imaginário pentecostal

Nesta parte do trabalho será exposto, ou melhor, será feito um recorte do espiritismo no imaginário pentecostal. Para tanto vou utilizar uma obra de um porta-voz dos pentecostais, Soares (1984). Vou limitar minha interpretação do livro citado à intenção do texto. Além do texto proposto, outros dois textos serão interpretados, Macedo (2004) e Itioka (1990).

Segundo Eco (2001, p. 48), quando interpretamos algum texto, devemos estudar a intenção do mesmo, pois, ele “flutua” em infinitas interpretações possíveis que vão além da intenção do autor.

Essas interpretações sem critérios e limites, são jogadas ou levadas a super interpretação<sup>17</sup>. Nesse trabalho a interpretação dos textos propostos será desenvolvida sob os limites de um estudo voltado para as Ciências da Religião. Eco (2001 p. 165) afirma que “um texto pode ter muitos sentidos”, porém nega ou é contra a afirmação que “um texto pode ter qualquer sentido”.

Além dos critérios e limites para uma possível interpretação da intenção do texto devemos segundo Eco (2001, p. 150) “respeitar seu pano de fundo cultural e lingüístico”.

Os textos dos autores comentados acima foram escritos num contexto cultural construído após duas guerras mundiais (séc. XX), e no meio de crises ideológicas do liberalismo, socialismo, nacionalismo.

<sup>17</sup> Textos onde só alguns contêm a chave da interpretação, sentido final do texto, a verdade. É uma interpretação extrema.(Eco, 2001, p. 130).

Essa crise segundo Geertz (2001, p. 157) veio a se consolidar depois da queda do muro de Berlin e da globalização. Assim a religião passou cotidianamente a ser assunto da mídia no cenário Global, e identidade para um mundo sem fronteiras. Os pentecostais não são exclusivos à lealdade religiosa<sup>18</sup> que cria a identidade de um grupo no mundo globalizado. Dentro do islamismo com os terroristas, nos Estados Unidos com eleitores elegendo um candidato com imagem do fiel cristão são outros exemplos da lealdade religiosa.

“...um mundo em pedaços’... estimula identidades públicas circunscritas, intensamente específicas e intensamente sentidas, ao mesmo tempo que essas identidades, por sua vez, fraturam as formas aceitas de ordem política que tentam contê-las, muito particularmente nestes tempos do Estado-nação. A projeção de grupos e lealdades religiosamente definidos em todos os aspectos da vida coletiva, partindo da família e do bairro para fora, faz parte, portanto, de um movimento geral que é muito maior do que ela própria” (Geertz, 2001, p. 157)

As discussões religiosas passaram a ser mais freqüentes, imediatas e tensas.

Ainda segundo Geertz (2001, p. 159) muitas teses, discussões estão sendo realizadas a respeito da religião. Muitos defendem idéias que a religião é movida por interesses políticos, econômicos, é uma máscara, mistificação, encobre ambições seculares. Segundo Geertz porém, as pessoas querem afirmar uma identidade através da religião e por isso destroem prédios, suicidam-se, escrevem livros contra outras ofertas religiosas concorrentes, lutam judicialmente contra teorias que criticam o criacionismo: e não fazem essas ações “simplesmente para chegar a

---

<sup>18</sup> Segundo Sauer (2003) os pentecostais na política partidária votam nos candidatos que são leais à sua religião mesmo não sendo homogenia essa atitude, pois muitas Igrejas são inimigas. Esse é um exemplo entre outros da lealdade, que Geertz discute.

algum objetivo material pragmático e externo... elas querem dizer o que estão dizendo”.

Nesse trabalho a postura dos pentecostais é estudada nesse sentido, “eles querem dizer o que estão dizendo”, e não um estudo que discute se essa atitude aumenta o poder e influência dos mesmos na mídia, na política, na economia, etc.

Com tais afirmações não é pretendido negar a importância desses estudos (relacionar o campo religioso com o político, econômico etc), somente busca-se esclarecer que neste trabalho em específico tais questões não são pontos centrais, porém alguns são discutidos. A intenção do trabalho é estudar o campo religioso dos pentecostais e delimitar o mesmo na interpretação das obras dos porta-vozes, chegando a um imaginário que esses criaram para combater as ofertas concorrentes e legitimar suas ofertas simbólicas.

### **1.1 Pentecostais, quem são?**

“O ódio feroz dos puritanos para com qualquer coisa que cheirasse superstição, contra todo resquício de salvação mágica ou sacramental, aplicava-se às festividades natalinas como ao mastro de Maio, e a todas as artes religiosas espontâneas (Weber, 2001, p. 122).

As Igrejas Tradicionais trazem essa característica colocada por Weber, negam qualquer proximidade com o que para os puritanos “cheirasse superstição”. As Igrejas Luterana, Presbiteriana, Batista, Adventista do Sétimo Dia, e também os Mórmons e Testemunhas de Jeová negam o “cheiro da superstição”.

As Igrejas pentecostais no Brasil segundo Freston (1996, p. 70,71) podem ser estudadas em três ondas históricas. Primeira onda: na década de 1910 com a vinda da Congregação Cristã (1910) e Assembléia de Deus (1911). Segunda onda nas: décadas de 1950, 1960, Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962). E a terceira onda: décadas de 1970 e 1980 Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).

Mas onde os pentecostais a priori agiram e com quais características?

Para Armstrong (2001, p. 208,209) os pentecostais surgiram nos Estados Unidos da América, em Los Angeles (1906), e quatro anos depois a congregação já estava presente em mais de cinquenta países. Ainda segundo Armstrong eles tinham uma visão “pós-moderna” e não se interessavam por dogmas. Em seus cultos tinham visões, falavam em línguas, entravam em transe, caíam em êxtase, levitavam, sentiam o corpo rir, viam raios de luz. Em seus primórdios enfatizavam a importância do amor, da compaixão e da caridade. Mas posteriormente alguns pentecostais “iriam aderir à linha-dura dos fundamentalistas e deixariam de dar primazia à caridade” (Armstrong, 2001, p. 211).

No Brasil e especialmente na guerra santa<sup>19</sup> dos Pentecostais percebe-se algumas características fundamentalistas<sup>20</sup> ou não, dependendo da Igreja. Os

---

<sup>19</sup> Atitude de combater as ofertas simbólicas concorrentes.

<sup>20</sup> “Trata-se de uma postura essencialmente defensiva, que, contudo, traz em si potencial suficiente para uma contra-ofensiva” (Armstrong, 2001, p. 134).

fundamentalistas interpretam os mitos<sup>21</sup> dando a eles características de ideologia, ciência e logos.

Nesse trabalho a atitude dos pentecostais será estudada a partir da literatura de alguns de seus porta-vozes<sup>22</sup> intelectuais, e outros autores das ciências humanas.

Para definir a categoria imaginária, primeiramente será apresentado a “matéria prima para o mesmo” e logo em seguida será feita uma discussão entre algumas referências que conceituam o imaginário, para então definir o imaginário que será adotado nesse trabalho.

Cada cultura, cada sociedade, possui seu imaginário, e nas sociedades complexas cada nível da mesma diferencia o imaginário. A iconografia, o escrito (obra produzida por autor ou autores), monumentos e em última instância a tradição oral e das práticas atuais, constituem o material, testemunho do imaginário que o historiador utiliza para seu estudo (Le Goff, 1998, p. 293).

O imaginário constitui a ligação de qualquer representação humana. O sonho, o onírico, o rito, o mito, a narrativa da imaginação formam a estrutura do imaginário numa determinada cultura (Durand, 2001, p. 87).

Ainda segundo Durand (2001, p. 41): “Todo pensamento humano é uma representação, isto é, passa por articulações simbólicas... Por consequência, o

---

<sup>21</sup> Para Eliade ( 2002, p. 18) o mito nas sociedades arcaicas era vivo, pois trazia significados ao mundo, com a expansão da modernidade (renascimento e iluminismo) o mito perdeu sua ação de significados, a ciência e razão passaram a exercer tais funções, nisso os mitos foram transformados em ideologias, logos (razão) e ciência, e para Armstrong aí encontra a origem do fundamentalismo, dentro da modernidade, para ela o fundamentalismo surge no mundo moderno como uma contra cultura que age com aversão a modernidade, com características de reesignificações para o mito, e esse fica sendo o único referencial de ação.

<sup>22</sup> “Agentes e porta-vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de práticas ou de discursos a uma categoria particular de necessidades próprias a grupos sociais determinados” (Bourdieu, 2003, p. 79).

imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana”.

O imaginário opera, portanto, em dois registros: o da paráfrase, a repetição do mesmo sob outro invólucro; e o da polissemia, na criação de novos sentidos, de um deslocamento de perspectivas que permite a implantação de novas práticas. Assim, o imaginário, em suas duas vertentes, reforça os sistemas vigentes/instituídos e ao mesmo tempo atua como poderosa corrente transformadora. {...} o imaginário formula o real e pelo real é trabalhado, num constante movimento de circularidade (Swain, 1993, p. 52).

Baczko (1996) discute sobre o imaginário<sup>23</sup>, argumentando que os meios de comunicação de massa (particularmente) contribuíram para uma inflação da utilização do imaginário.

As ciências humanas (história, psicologia, antropologia, etc.) mostram que o imaginário é utilizado como uma ferramenta estratégica para manipular, justificar, confirmar o poder, seja esse simbólico, político, social, cultural, da identidade, etc.

No século XIX as ciências humanas buscavam separar o real do imaginário encontravam “grupos sociais verdadeiros, homem real”, porém Baczko (1996, p. 300) propõe uma problemática. Nos grandes conflitos sociais (guerras, revoluções) ou em qualquer conflito, como se separa os “agentes e os seus atos das imagens que aqueles têm de si próprios e dos inimigos, sejam estes inimigos de classe, religião, raça, nacionalidade, etc?”

Essa perspectiva será usada no trabalho proposto, como argumenta Swain além de Baczko.

Nas sociedades que não instituíram o Estado, o imaginário é confundido com os mitos e os ritos. Assim os guardiões do mesmo simultaneamente são os guardiões do imaginário. Com a instalação do poder estatal (centralizado), o imaginário ficou desritualizado e ganhou autonomia própria e diferenciação. Assim foi possível para as ciências humanas estudarem o imaginário de uma determinada sociedade, cultura, no espaço e tempo, separado das características do sagrado.

---

<sup>23</sup> O autor em questão utiliza muito o termo imaginário social, porém nesse projeto foi preferida a utilização somente do termo imaginário.

Nesse trabalho o Imaginário dos pentecostais foi colhido em obras ou livros dos porta-vozes intelectuais dos pentecostais, e a partir dessas obras o trabalho será desenvolvido. Mas, além disso, numa perspectiva de ação para o domínio do poder simbólico<sup>24</sup> e em consequência do capital simbólico<sup>25</sup>.

No imaginário das obras estudadas o Diabo e a guerra santa são meios utilizados para legitimar as Igrejas pentecostais e deslegitimar as ofertas simbólicas concorrentes.

## **1.2. Pentecostais e os porta-vozes na guerra santa**

Itioka como porta voz dos evangélicos como ela se denomina em sua obra *Os Deuses da Umbanda (1990)*, tem a finalidade de alertar sobre o perigo da Umbanda nas escolas e universidades em todo o Brasil.

O Diabo além de ser o outro, imita, copia as obras de Deus, por não ser criador, assim busca enganar muitos. A Umbanda baseia no kardecismo, e contém uma fachada católica, mas tudo não passa de imitação de Jesus (Itioka, 1990, p. 121, 122).

O nome de Jesus é usado constantemente nos terreiros de Umbanda, segundo Itioka (1990, p. 122), mas ela questiona se esse Jesus é o mesmo que viveu na palestina, o mesmo que nasceu de Maria, se é o Salvador, o que curou e expulsou demônios, se é filho do criador, seria ele o Oxalá?

---

<sup>24</sup> O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (Bourdieu, 2003 p. 14 e 15).

<sup>25</sup> “ O poder simbólico transforma os diferentes espécies de capital em capital simbólico” que é controlado pelo porta voz (Bourdieu, 2003, p. 15).

“Na realidade, quando se invoca o nome e Jesus na Umbanda, invoca-se o nome de uma pessoa muito diferente daquele que se revela nas páginas do livro Sagrado. Podemos afirmar categoricamente que existe um espírito ou demônio que se denomina ‘Jesus’, que se apresenta como o Cristo das Páginas Sagradas” (Itioka, 1990, p. 123).

Toda manifestação, palavra, ação que se refere à bíblia e a Jesus nos terreiros de Umbanda são vistos como a imitação da verdade e que deve ser combatida.

O espiritismo (Kardec) para Itioka (1990, p. 128, 129.) é uma doutrina que abusa da interpretação das escrituras sagradas, uma ofensa, uma heresia que deve ser combatida. Ela nega a existência do Diabo, e afirma a reencarnação, sendo essa “a maior invenção demoníaca”.

Outro problema enfrentado no combate ao Diabo é a maldição na linhagem da família, o demônio pode passar de pai para filho, da avó para o neto, de um irmão para outro, muitas vezes na hora da morte ou num momento de fraqueza.

“A transferência de espíritos pode ocorrer tanto na hora da morte da pessoa endemoninhada, como na hora da sua libertação. Os demônios não querem abandonar o lugar de descanso, que no caso é um corpo humano...” (Itioka, 1990, p. 187).

Todos esses problemas devem ser combatidos no Ministério da Libertação.

Os ex-umbandistas são pessoas que estiveram profundamente envolvidas nas práticas do ocultismo proibidas por Deus, práticas essas sujeitas à pena de morte. Eles abriram as suas vidas voluntariamente para entrar em comunicação com os demônios, o que na realidade significa pactuar-se com os espíritos pra receber deles favores. O aspecto central do ritual da Umbanda é a incorporação dos espíritos. Portanto, qualquer ação feita no nível de cuidado pastoral tem de considerar cuidadosamente esta perspectiva. Muitas vezes suas casa e suas propriedades foram entregues e

consagradas aos demônios e muitos deles pactuaram-se com Satanás, pedindo que não os abandonasse, prometendo também nunca o abandonar. Falaremos do ministério da libertação, tomando em consideração este pressuposto; o envolvimento profundo com os demônios (Itioka, 1990, p. 193).

As ações para expulsar os demônios nas Igrejas segundo Itioka (1990, p. 195-215) devem fundamentar-se nos seguintes preceitos: trabalho em equipe, renúncia ao demônio em nome de Jesus, confissão, destruição de amuletos e objetos da Umbanda, amarrar os endemoninhados, detectar os espíritos, imposição das mãos. Os lugares onde estão infestados de demônio são os terreiros da Umbanda e os centros espíritas.

“As casas onde se praticam as sessões da Umbanda, o espiritismo e a feitiçaria transformam-se em suas moradas. Aqui se aplica a mesma idéia de Satanás tomar posse daqueles lugares consagrados a ele e a suas hostes” (Itioka, 1990, p. 213).

O que se tem verificado mais na prática, no Brasil, são as manifestações de demônios nas igrejas. Muitas vezes a pessoa não sabe que tem demônio e vai à igreja em procura da paz de espírito, ou porque foi convidada. Ou pode acontecer de passar em frente de um templo e sentir-se atraída a entrar, sendo surpreendida quando os demônios se manifestam. Muitos caem inconscientes no meio do culto, onde algumas vezes são atendidos por uma equipe treinada. Em outros ocasiões, o culto é interrompido para atender o caso. Existem até casos, para vergonha nossa, de intervenção da polícia, porque os crentes não sabem como detectar a presença dos demônios e enfrentar a situação (Itioka, 1990, p. 194).

Como é possível os demônios se manifestarem na prática nas igrejas se os lugares infestados de demônios são os terreiros da Umbanda e os centros espíritas?

Soares em sua obra, *Espiritismo a magia do engano* (1984), propõe denunciar essa religião do engano que deve ser combatida. Segundo Soares (1984, p. 14) o

espiritismo não é uma religião cristã, pois não aceita Cristo como Deus, mas como o homem encarnado mais evoluído que aqui na Terra viveu, e assim sendo é uma falsa religião, “a primeira sessão espírita ocorreu no Éden, onde a serpente serviu de médium, Satanás de guia e Eva de assistente”.

O autor inicia sua guerra santa contra o espiritismo utilizando inicialmente o mito, onde ele nota a ação de satanás levando o homem e a mulher a realizarem o pecado original, e essa ação foi identificada como a primeira sessão espírita ocorrida na humanidade.

Ainda segundo Soares (1984, p. 17), muitas vezes o espiritismo leva à loucura, à desgraça, à morte. Assim “Deus, na Sua Palavra proíbe e condena terminantemente o Espiritismo sob todas as formas. No Antigo Testamento, quem se desse a tal prática seria morto:”.

Outro problema a ser combatido no espiritismo para Soares é a questão da utilização do nome de Jesus para possibilitar uma maior autoridade à doutrina espírita, mas que não passa de uma maneira distorcida de compreender os ensinamentos verdadeiros de Jesus. “É uma tentativa delirante de procurar equacionar os ensinamentos sublimes do Senhor Jesus Cristo de acordo com os ensinamentos demoníacos e falsos do espiritismo” (Soares, 1984, p. 33).

A pessoa que se envolve com a evolução do espiritismo encontra-se num processo de constante entrega aos espíritos que segundo os espíritas, podem auxiliar na evolução e desenvolvimento do indivíduo que participa das sessões espíritas. “Desenvolver-se no espiritismo significa tornar-se escravo do demônio” (Soares, 1984, p. 38).

O Diabo como o inimigo que é a causa do mal deve ser combatido a qualquer custo, pois prejudica todos que aproximam dele, e ele de tudo faz para atrair.

Segundo Soares (1984, p. 78) “O Espiritismo é a maior agência que Satanás estabeleceu neste mundo para extraviar e perder os homens”.

“O espiritismo brasileiro é um somatório de diversos cultos e práticas espíritas. Genericamente falando, podemos dividi-lo em: Espiritismo Comum, Baixo Espiritismo, Espiritismo Científico e Espiritismo Kardecista” (Soares, 1984, p. 21).

As ofertas simbólicas concorrentes são manifestações do Diabo, essas são denominadas espiritismo. Esse termo no imaginário do texto designa a toda manifestação contrária a verdade, desde a criação aos dias atuais. A Umbanda, as religiões afro-brasileiras e o kardecismo representam manifestações simbólicas diferentes, porém estão ligadas na sua essência. Segundo Soares (1984, p. 33) “os espiritismos” contêm a mesma essência. “A doutrina satânica está presente em todas formas do espiritismo”.

No imaginário pentecostal o espiritismo é o Diabo. Esse está presente em quase tudo e a “Igreja” deve combater tudo que permite sua ação. O porta-voz em estudo busca a hegemonia no mercado simbólico e utiliza como ponto central para essa atitude o imaginário dos demônios, do Diabo, de satanás, interpretando que os mesmos estão presentes nas ofertas simbólicas concorrentes.

Porém quem é ou quais são as características do Diabo no imaginário pentecostal, nesse texto em estudo?

Segundo Soares (1984, p. 71) é somente pela Bíblia que o Diabo é revelado, pois aquela é “o verdadeiro tribunal para estas causas... no Antigo Testamento, os que praticavam a feitiçaria eram condenados à morte”.

O Diabo no imaginário desse porta-voz é o príncipe desse mundo (Planeta Terra), com grandes poderes e está em conflito constante com Deus, disputando as almas e corpos dos seres humanos, que possuem o livre arbítrio para escolher entre

o bem e o mal. “Satanás é a própria expressão do mal. Seu poder enganador é tão grande que consegue iludir todos” (Soares, 1984, p. 75).

Para Soares (1984) as obras escritas por Kardec pretendem enganar as pessoas afirmando que os ensinamentos dessas mesmas são iguais ao cristianismo. Questões como: Jesus não é Deus, os demônios não existem, reencarnação, vidas em outros planetas, são provas que as obras de Kardec seriam magias do engano (Soares, 1984, p. 70).

A argumentação do porta-voz é baseada em leituras fundamentalistas da Bíblia. Tudo que ele nega no espiritismo kardecista e associa o mesmo ao Diabo é confirmado no texto por sua interpretação de trechos e citações da Bíblia.

Soares deslegitima as obras de Kardec relacionando essas com sua interpretação da Bíblia: “... usam a Bíblia, torcendo seus ensinamentos, para darem autoridade às suas doutrinas, e por outro lado, negam quase todas as doutrinas da Bíblia” (Soares, 1984, p. 57).

Macedo, que é o fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, é o autor do livro *Orixás, Caboclos e Guias* (2004). Nesta obra a proposta do autor tem “desencadeado uma verdadeira guerra santa contra toda obra do Diabo. Neste livro, denuncia as manobras satânicas através do kardecismo, da Umbanda, do candomblé e outras seitas similares” (Macedo, 2004, p. 8).

Para Macedo o objetivo do Diabo é afastar o homem de Deus e buscar uma morada para agir, sendo esta o corpo de alguma pessoa que voluntariamente ou não, tem um ou vários demônios. Eles podem agir em partes determinadas do corpo (braço, perna, cabeça) ou dominando o corpo todo.

Segundo Macedo (2004, p. 17, 18) os orixás, caboclos, guias em sua igreja confessam ser o demônio e seu objetivo é destruir seus cavalos ou os corpos que

são suas moradas. A Bíblia tanto no Antigo Testamento como no novo reprovava a ação dessas práticas.

Se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, a bruxaria e magia, oficializadas pela Umbanda, quimbanda, candomblé, kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seríamos um país bem mais desenvolvido (Macedo, 2004, p. 62).

Os três porta vozes que representam os pentecostais na construção intelectual, agem em comum sobre alguns pontos. Primeiro, para o três a Bíblia é o centro, a base para a negação das outras representações simbólicas que no imaginário deles representa o Diabo e deve ser combatida numa guerra santa; segundo: o demônio se revela em suas igrejas, ou confessam serem demônios em suas igrejas, apesar de que os locais infestados de demônios seriam os terreiros (candomblé e Umbanda) e centros espíritas; terceiro: o espiritismo Kardecista deturpou a Bíblia e o sentido de Jesus; quarto: suas igrejas são a representação de Jesus na Terra e prometem que a salvação é possível mesmo para os que se envolveram com os “demônios”; quinto: todos os porta-vozes estudados fundamentam suas afirmações, ou tentam confirmar seu imaginário com um discurso histórico.

O imaginário pentecostal coloca como representação do mal (demônios) as manifestações que oferecem símbolos que concorrem com suas ofertas simbólicas e uma possível maneira de olharmos essa ação de guerra santa é a tentativa desses porta-vozes de manter o controle do poder simbólico. Utilizam o imaginário para legitimar suas ofertas simbólicas e deslegitimar as ofertas concorrentes no campo religioso.

Indo além da intenção dos textos estudados, essa perspectiva da guerra santa, está presente na história da formação da cultura Ocidental? Esses textos são

tão bem aceitos por serem textos com características arquetípicas<sup>26</sup>? O Diabo é muito combatido. Como se deu a formação simbólica do mesmo no imaginário?

O imaginário defendido pelos porta-vozes é tão aceita por estar presente no inconsciente coletivo e isso explicaria o crescimento dos pentecostais na sociedade brasileira<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Jung foi um grande psicanalista, no início do séc. XX trouxe concepções, categorias, teorias, construções intelectuais que ressaltavam a importância do inconsciente na vida dos seres humanos, e não somente o consciente. Desenvolveu termos conhecidos: sombra (Instintos animais, que os seres humanos herdaram em sua evolução), self (ponto central da personalidade, em torno do qual todos os outros sistemas se organizam), arquétipo, inconsciente coletivo, a anima (arquétipo feminino do homem) e o animus (arquétipo masculino na mulher), etc. (Hall, 1973, p. 98 – 110).

Para esse trabalho é de fundamental importância a definição ou conceituação dos termos arquétipo e inconsciente coletivo.

“O inconsciente coletivo é o alicerce racial herdado de toda a estrutura da personalidade... que exerce uma ação orientadora ou seletiva sobre o comportamento da pessoa, desde o início da vida” (Hall, 1973, p. 98)

“Os componentes estruturais do inconsciente coletivo são chamados por vários nomes: arquétipos... Um arquétipo é uma forma de pensamento universal (idéia) que contém uma grande parte de emoção.” (Hall, 1973, p. 99)

Os Arquétipos estruturam o inconsciente coletivo que por sua vez, interfere nas atitudes, reações, das pessoas, no meio social que vivem. Os textos arquétipos estudados nesse trabalho são aceitos e atraem muitos fiéis devido esses já terem em seu inconsciente individual, símbolos e ideologias defendidas nos textos.

“Como se originam os arquétipos? É um depósito permanente de uma experiência que foi constantemente repetida durante muitas gerações” (Hall, 1973, p. 100). No recorte pesquisado os textos contém características arquetípicas.

Ainda sobre essa concepção, texto arquétipo, a obra de Eco (2001, p. 66) nos apresenta com uma discussão sobre a importância dos textos arquétipos.

<sup>27</sup> Os textos arquétipos dos porta vozes são discursos. Nessa perspectiva uma observação precisa ser ressaltada. “Cada palavra tem um sentido ligeiramente diferente para cada pessoa, mesmo que para os de um mesmo nível cultural” (Jung, 1964, p. 40). Essa citação, vem nos chamar a atenção para um porém: os textos arquétipos estudados sem dúvida não são aceitos, ou entendidos iguais por todos os fiéis, porém aqueles são referências para estes.

## 2. GUERRA SANTA

### 2.1. Guerras e o sagrado

A ação humana está toda impregnada de guerras, destruições, reconstruções, criações, e dentre essas ações encontramos a sacralização<sup>28</sup>, que o homem desde seus primórdios utiliza.

As guerras de aproximadamente 4000a.C eram realizadas (no imaginário) entre deuses e não entre povos ou reis, o deus derrotado era subjugado, seu território de domínio passava a ser dominado pelo outro deus, esse deus vencedor era encarado como o mal, aquele que devia ser vencido expulso o inimigo que seria combatido pelos que foram derrotados (Nogueira, 2000, p. 15).

A sacralização da violência é uma necessidade para a sobrevivência das sociedades, ou é uma maneira de justificar atos que numa determinada cultura são negados, mas em certos casos são aceitos para um “bem maior”. Encontramos esse imaginário presente no mundo antigo (guerras entre deuses), na civilização grego-romana, história medieval (bárbaros e feudalismo), cruzadas, conquista da América, reforma e contra reforma (séc. XVI), primeira e segunda guerra mundial, etc.

Quando falamos da guerra santa, não iremos nos restringir somente à ação de armas e força física, iremos nos deparar sem dúvida com os conflitos ideológicos<sup>29</sup>. Nosso objetivo é discutir a guerra santa e o movimento Pentecostal, mas para chegarmos a essa discussão nos depararemos inicialmente com alguns

---

<sup>28</sup> Torna algo sagrado, seja pelo rito, ou simbólico.

exemplos das guerras sacralizadas presentes na história. Nesse sentido o primeiro passo já foi dado, quando nos referimos às guerras entre deuses (deus vencedor era encarado como o inimigo pelos vencidos, presente no segundo parágrafo desse capítulo).

Na civilização Grega (séc. VI a. C) as potencialidades humanas eram representadas pelos deuses, esses continham sua lógica própria não à lógica cartesiana, possibilitando ao homem grego, significados para o mundo.

Zeus era o exemplo maior de guerreiro que vencida todos seus inimigos e agia com grandes poderes, Apolo era o exemplo de cidadão, comportamento ideal para a pólis, Ambos foram utilizados para representar e justificar as ações contra o inimigo externo (Zeus) e os cidadãos internos (Apolo) (Silva, 2003, p. 61).

No primeiro caso (Zeus, o senhor do Olimpo), era utilizado para sacralizar e justificar a ação de violência que os gregos empregavam contra seus inimigos, posteriormente no mundo romano, o deus Marte entre outros, foi o símbolo utilizado para justificar as ações militares que garantiam a sobrevivência de Roma<sup>30</sup>.

O cristianismo que surgiu numa província romana (Judéia) era perseguido, pois as autoridades romanas consideravam seus cultos errados, pois esses eram escondidos e não realizados a luz do sol, e negavam ou não confirmavam a autoridade do Augusto. Os ritos cristãos eram comparados ao “incesto, antropofagia, assassinato ritual, adoração de um deus com cabeça de asno, etc” (Bingemer, 2001, p. 126 e 127).

---

<sup>29</sup> “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência” (BRANDÃO, 1997, p. 22).

<sup>30</sup> A ação da expansão militar, onde Marte mais representado foi percebido principalmente após as Guerras Púnicas (264 a 146 a.C).

O cristianismo que estamos discutindo, é o cristianismo primitivo, e não o institucionalizado que será percebido com a confirmação da Igreja Católica<sup>31</sup>, que passou de perseguida para perseguidora (no sentido que a Igreja Católica representava oficialmente o cristianismo).

A Bíblia, que narra experiências, histórias e mitos, é dividida em Primeiro Testamento (Antigo) e Segundo Testamento (Novo). Esse conjunto de livros forneceu juntamente com outros pensadores a formação doutrinária da Igreja Católica, que muito incentivou para as guerras santas, essa não é exclusividade do cristianismo, mas encontra-se presente na história do islamismo, judaísmo, hinduísmo, budismo, candomblé, etc.

O Antigo Testamento “é certamente um dos livros mais banhados de sangue da literatura mundial. E o NT<sup>32</sup>, por sua vez, está centrado sobre um evento cruento, uma ação de sangue: a morte de Jesus” (Bingemer, 2001, p. 18).

Poderíamos discutir mais sobre a violência e a Bíblia, mas esse não é nosso objetivo. Se alguém, porém se dedicar a discutir as escrituras Bíblicas encontraria muitos argumentos sobre a violência, sendo esse um caminho possível de discussão entre muitos outros.

Mas tal assunto foi abordado porque muitas vezes as ações violentas (guerra santa) no sentido em que estamos tratando nessa discussão, são justificadas pelas passagens Bíblicas. Como exemplos têm:

São Pedro predissera a bomba atômica, sustentavam eles, pois profetizara que, no “dia do Senhor”, ‘com grande estrondo passarão os céus, os elementos se abrasarão e se dissolverão, a terra e tudo que ela contém serão queimados’. Em 1945 David Grey declarou na revista Eternity que não havia esperança de impedir o holocausto final: ‘O plano divino caminha para

---

<sup>31</sup> Por meio do Edito de Milão (313) e posteriormente com a atitude de Teodósio(391) colocar o cristianismo como religião oficial a Igreja Católica foi triunfante.

<sup>32</sup> Novo Testamento

seu inevitável cumprimento'. Segundo o best-seller *The Atomic Age and the Word of God* (1948), do fundamentalista Wilbur Smith, a bomba provou que os literalistas sempre estiveram certos. A exatidão das previsões das Escrituras sobre a explosão atômica demonstrava que a Bíblia era realmente infalível e que se devia lê-la em seu sentido literal (Armstrong, 2001, p. 248).

As expedições das cruzadas<sup>33</sup> (séc. XII e XIII) que foram muitas, levavam a frente o símbolo da cruz, e tinham como objetivo reconquistar a terra santa, Jerusalém. Essas expedições que sacralizavam a espada, que levaria a vontade de Deus para reconquistar seu ambiente sagrado e expulsar o infiel que muito nesse período podia (Império árabe) possibilitava ou criava o incentivo necessário para as pilhagens, lutas por terra e destruição do inimigo, por parte dos cruzadistas.

Foram realizadas oito cruzadas, em 1212 (durante a quarta cruzada) uma criança francesa afirmou que tinha recebido uma mensagem de Jesus e tinha uma missão, expulsar o demônio da terra santa, isso só poderia ser possível com a ação das crianças, pois, essas tinham a inocência (semelhante a dos anjos) necessária para vencer o inimigo, cerca de 50000 crianças foram à expedição e no final foram escravizadas e vendidas.

“A religião agia sobre as normas de conduta, fornecia as motivações para a ação e forjava uma esperança mobilizadora” (Bingemer, 2001, p. 141). Talvez isso nos possibilite a uma melhor compreensão de como a religião foi usada para as ações dos cruzadistas e da expedição das crianças. Essas ações tão estranhas para muitos estão presentes nas representações<sup>34</sup> que utilizamos para compreendermos a realidade, o estranho (infiel) foi trazido para o universo dos cruzadistas, esse sacralizando sua espada e colocando a cruz à frente percebia talvez em si um grande poder de conquista e vitória contra o infiel (demônio), possibilitando as

---

<sup>33</sup> Essas expedições foram possíveis por meio de uma ação conjunta do Estado e da Igreja.

<sup>34</sup> “as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância” (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

cruzadas das crianças. Essa se encaixava na maneira que estava sendo representado as ações cruzadistas, a inocência que era representada pelas crianças parecia uma arma eficiente, mas quando essa ação saiu do mito e foi para a prática como o mito (criança francesa conversando com Jesus) deu na escravidão das crianças.

A Europa no século XVI passou por grandes transformações (Reforma e Contra Reforma). Essas possibilitaram a livre interpretação da Bíblia (Lutero), grande ação e presença do símbolo do Diabo e muitas dessas características estão presentes na guerra santa dos pentecostais, com suas características próprias.

Com a entrada em cena de Lutero 1519, com suas teses, houve um conflito constante da elite que possibilitou ao Diabo uma grande ação, esse muitas vezes presente seja na iconografia, discurso, teatro, Bíblia, literatura (desenvolvimento da imprensa), justificava as ações conflitantes e violentas que foram percebidas nas inquisições que tanto reformadores como católicos apoiavam.

“O que mudou em profundidade parece ter sido não a trama das crenças das massas e sim a das angústias dos dominantes” (Muchembled, 2001, p. 72).

O medo estava presente e a literatura apocalíptica nunca tinha sido tão representada como nesse período da Reforma e Contra Reforma, Deus passava a ser encarado como o vingador, que permitia a ação do Diabo para punir os hereges (Delumeau, 2002, p. 205-215).

O Diabo agindo era identificado como o outro que sempre ameaça o poder dos dominantes. Para Lutero, o anticristo era o papa. A Igreja Católica afirmava que Miguel<sup>35</sup> travava uma guerra contra Lutero.

---

<sup>35</sup> Anjo que liderou as batalhas contra Lúcifer e seus anjos rebeldes.

A representação do Diabo é uma máscara que não possui rosto, ele pode ser conhecido como Lúcifer, Diabo, demônio, dragão, etc. Sua iconografia perpassa por uma forma de inseto que atormente a uma besta gigantesca que devora os hereges no inferno.”O Diabo com freqüência é meramente ‘o Outro’” (Link, 1998, p. 193).

A guerra santa dos pentecostais que foi discutida no primeiro capítulo possui essas características, ou essas características foram passadas de geração em geração até chegar na contemporaneidade.

Os textos arquetípos estudados representam uma coletividade que combate o inimigo<sup>36</sup>. Seu inimigo maior é o Diabo. Esse deve ser combatido com a palavra, com a ação, com as escrituras, os ritos, os símbolos. Segundo os porta vozes estudados o espiritismo é uma representação desse inimigo.

## **2.2. O Diabo e o poder simbólico**

Nas obras estudadas nesse trabalho (os textos dos porta-vozes dos pentecostais: Macedo, Soares e Itioka), constantemente é utilizado o termo demônios, Diabo. Esses devem ser combatidos por levarem o mal para o mundo.

Essa atitude está presente na história, numa perspectiva para controlar o poder simbólico?

O termo Lúcifer (esse era um príncipe da Babilônia) foi pela primeira vez associado com o Diabo nos escritos de Orígenes. É, porém, com santo Agostinho que a ligação teve mais consistência (Link, 1998, p. 18). O termo Satã (Satan) é de origem hebraica e significa simplesmente adversário, e não é a mesma coisa que

---

<sup>36</sup> Sabe-se que outras ofertas religiosas utilizam desse mesmo mecanismo para atrair fiéis, os pentecostais não são exclusivos, como exemplo há estudos feitos por Veríssimo (2002), Eliade (2002) e muitos outros.

Diabo. Quando Satan foi traduzido para o grego pelos cristãos esse termo foi confundido com Diabolos (séc. I d.C.).

Outro termo associado com Diabo é demônio. Na Grécia clássica demônio (dáimon) designava todo espírito intermediário entre os deuses e o homem, todos tinham um dáimon, porém no séc. II e III em meio o helenismo o termo dáimon foi interpretado como um espírito perverso, fazendo uma ligação entre deuses pagãos = demônios maus = Diabo (Link, 1998, p. 25).

Uma outra fonte para a construção do imaginário do Diabo que muito foi e é usada, é a Bíblia, tanto no primeiro como no segundo testamentos.

Os hebreus na construção do monoteísmo consideravam todos os outros deuses (de outras nações) como demônios, seres que deveriam ser combatidos e que eram a causa do mal. Todos os deuses potencialmente adversários passaram a fazer parte integrante da corte demoníaca, “pois todos os deuses das nações são demônios, mas o Senhor é o criador dos céus (Salmos 95:5)” (Nogueira, 2000, p. 14).

Nos cristianismos originários (os quatro primeiros séculos da era cristã), criou-se o imaginário que Deus tinha expulsado sua melhor criação do paraíso, este era identificado como o anjo caído. O motivo da expulsão que prevaleceu foi o orgulho, porém, esse não era o motivo, e sim a luxúria, pois, alguns anjos tiveram relações sexuais com as filhas dos homens, e dessas relações nasceram os demônios. “O pecado do Diabo, portanto, não foi o orgulho. O pecado do Diabo foi à luxúria. Demônios e Diabos foram criação da união sexual entre anjos lúbricos e mulheres (Link, 1998, p. 35).

Essa queda foi interpretada como uma das idéias centrais do cristianismo, segundo a qual o homem também foi expulso do paraíso (Adão e Eva) pela ação do Diabo, o homem acompanha o Diabo (Nogueira, 2000, p. 28-31).

Segundo Kolakowski (1985, p. 20), na interpretação cristã do cosmo e da “realidade” humana, sem o Diabo “não haveria a queda da humanidade, e não haveria, portanto a Redenção e a Encarnação; não haveria morte, sofrimento, trabalho. É possível que não houvesse o conhecimento”.

Ainda segundo Kolakowski no novo testamento o Diabo tem algumas características:

1. Os Diabos são anjos que pecaram por orgulho, e por esta razão foram lançados ao inferno, por Deus. São muitos, ainda que não conheçamos o seu número exato;
2. Detestam a Deus e os seres humanos; mas por outro lado servem a Deus quando atormentam os condenados ao fogo eterno. Não é claro se estas criaturas malvadas obtêm algum prazer sádico com o seu trabalho; e se o fazem, porque Deus permite que se divirtam;
3. A sua mentira provocou a queda do primeiro casal humano, que resultou no domínio da morte, do sofrimento e do desejo sexual sobre a Terra. Continuam a tentar e a enganar as pessoas, ainda que nos limites estabelecidos por Deus; mas os seres humanos têm sempre o poder de resistir à tentação (ao menos, é o que podemos deduzir de Cor. 10,13);
4. A queda dos demônios é irreversível. No entanto, esta última afirmação não foi inteiramente assimilada pela tradição cristã. Orígenes, em *De Principiis*, esposou a crença na redenção universal, e incluiu Satã, juntamente com todas as almas humanas, na salvação futura. Encontramos o mesmo pensamento em São Jerônimo;
5. O poder dos Diabos sobre a criação é muito extenso, mas não é sem limites. Aproveitam-se da corrupção causada pelo pecado original, mas não são seres independentes. Podem apenas agir dentro dos limites aceitáveis por Deus;
6. Uma das ações tipicamente diabólicas é a possessão, ou seja, a unificação do espírito demoníaco com a mente humana: é a

- maneira mais perversa de conquistar almas e revelar a sua força. Nestes casos, a Igreja responde com a arma do exorcismo;
7. Corrompida pelo pecado original, a natureza humana inclina-se fortemente para o mal e cai vítima dos enganos de Satã com facilidade. Impõe-se, pois, uma vigilância constante diante do atormentador. A perdição não é nunca obra exclusiva do Diabo. Ao contrário, supõe a colaboração da vontade livre do ser humano. Cada um é responsável e cada um é agente da própria queda. A Salvação, por outro lado, requer uma intervenção positiva da graça divina (Kolakowski, 1985, p. 9).

Nas iconografias, o Diabo é representado na maioria das vezes de aparência ou cor preta e nu, como uma criatura que não participa da vida civilizada (Link, 1998, p. 63-68).

Nos séculos XIII – XVI, o Diabo era representado na iconografia, literatura e teatro, como um ser lúdico, cheio de emoções e muito próximo do homem, nos pactos que fazia, era enganado pelos humanos e outras vezes, pela intervenção de Maria seu pacto era anulado (Muchembled, 2001, p. 25-45).

No Período das Reformas (séc. XVI e XVII) o Diabo no imaginário passou a ser representado com um ser todo poderoso, com poderes tão e às vezes maior que os de Deus ou um instrumento de vingança do mesmo, Lutero, Calvino, Cismas religiosos, deram ao Diabo grande ação.

“Em terras protestantes, em que reinava o servil arbítrio de Lutero ou a predestinação calvinista, bem como no mundo da Contra Reforma católica o ser humano parecia bem pequeno, bem fraco diante do poder desencadeado de Satã, mensageiro de uma divindade impiedosa. A visão do universo tornava-se, por toda parte trágica e dolorosa” (Muchembled, 2001, p. 153).

Os textos dos porta-vozes dos pentecostais estudados nessa pesquisa utilizam esse imaginário<sup>37</sup>, ligam a realidade e o mundo ao poder do Diabo que deve constantemente ser combatido, e para os pentecostais a única arma, ou a arma eficaz contra esse inimigo seria a Igreja pentecostal.

O Diabo utilizado no imaginário não é novo, e os pentecostais não são os únicos a utilizarem essa estratégia. Lutero e o Papa Leão I são exemplos que se direcionam nessa perspectiva. As ofertas simbólicas concorrentes são ligadas ao Diabo.

Lutero garante: “Somos prisioneiros do Diabo como de nosso príncipe e deus”. Ele diz ainda: “Somos, corpos e sujeitos ao Diabo, e estrangeiros, hóspedes, no mundo no qual o Diabo é o príncipe e o deus. O pão que comemos, a bebida que bebemos, as roupas que usamos, ainda mais o ar que respiramos e tudo o que pertence à nossa vida na carne é, portanto seu império (Delumeau, 2002, p. 151).

Leão I descreve os quatro componentes da molécula do Kabo: magia negra, judeus, hereges, pagãos. Todos eles vêm do Diabo e a ele pertencem... Em 1975, líderes iranianos seguiram os passos de Leão I, entoando junto com manifestantes “América é Satã”. E em 1982, falando sobre a União Soviética, o presidente dos Estados Unidos alertou o mundo acerca do “império do mal”. Se o papa Leão I a Ronalde Reagan, o Diabo é um modo de macular qualquer um que discorde dos que estão no poder. Mas se o Diabo às vezes é meramente um expediente retórico, isto não significa que o mal o seja (...) o Diabo torna-se uma justificativa para o verdadeiro mal por parte de quem emprega esse expediente (Link, 1998, p. 70).

O Diabo não é uma representação construída só pela elite, suas representações no imaginário são uma junção da cultura erudita com a popular (Ginzburg, 1998, p. 15-34).

---

<sup>37</sup> Cada contexto tem suas particularidades (reforma e contra reforma e textos dos porta vozes pentecostais), porém em ambos períodos o símbolo do Diabo é instrumento de poder, para combater os inimigos.

Na cultura popular (Idade Média) o Diabo era representado com um corpo deformado, isso devido a um ferimento que recebeu quando foi expulso do céu, e em outras ocasiões ele era retratado como uma mosca ou com formado de animais (Nogueira, 2000, p. 68-69).

No séc. XIX o Diabo foi identificado como o deus dos pobres, dos oprimidos, dos excluídos. Assim como o Diabo, esses são excluídos da sociedade ou do 'paraíso' (Muchembled, 2001, p. 154).

No séc. XX o Diabo foi incorporado nos quadrinhos e nos filmes, vampiros, máquinas que destroem e dominam o ser humano, etc. Na psicologia o Diabo é individualizado, todos carregam o seu, uma onda na cultura ocidental pelo prazer, pela liberdade, faz com que cada vez mais o culto ou recusa do Diabo tenha espaço (Muchembled, 2001, p. 289).

Surge à primeira igreja que adora Satã, esse não é visto como inimigo de Deus, mas como forças ocultas da natureza, “nossas forças psicológicas interiores cela livre admissão e aceitação de nossas paixões. Os sete pecados capitais do cristianismo, nesse sentido, devem ser encorajados, pois, são virtudes que levam à consumação de nossos desejos” (Nogueira, 2000, p. 112).

Então a origem do Diabo está na tradição judaico-cristã? Não, essa tradição herdou do Zoroastrismo a dualidade, do bem contra o mal, o imaginário do apocalipse e nela teve e tem características próprias (Cohn, 2001, p. 153-294).

O poder simbólico possibilita para aquele que o controla, exercer grande influência no coletivo a que pertence. O Diabo, demônio... são representações simbólicas que foram utilizadas para legitimar o poder simbólico de muitos (Lutero, Leão I, Calvino...). Esses viam nos inimigos, o outro, aquele que deveria ser combatido.

No imaginário pentecostal o Diabo e a guerra santa, são segundo os textos estudados meios importantes para a expansão dos mesmos<sup>38</sup>.

Essas atitudes foram transmitidas de geração para geração, “desde o principio” e, portanto, são arquétipos utilizados pelos porta-vozes<sup>39</sup> dos pentecostais. Ambos foram utilizados para legitimar o poder simbólico de muitos na história da formação da cultura ocidental, e são utilizados pelos pentecostais de maneira própria (como foi exposto no primeiro capítulo nos textos estudados), para legitimar o poder simbólico dos mesmos.

Para tanto, os pentecostais criam um imaginário que deslegitima as ofertas simbólicas concorrentes e em contrapartida legitimam as suas ofertas simbólicas.

Nessa atitude os pentecostais combatem o Diabo numa guerra santa. As ofertas simbólicas concorrentes são ou estão ligadas ao Diabo. Nesse trabalho foi escolhida uma das ofertas concorrentes, para ser estudada e logo em seguida discutir como essa oferta em específico é simbolizada no imaginário pentecostal.

Será exposta a característica do Espiritismo Kardecista na sociedade brasileira, e será feita uma discussão das obras de Kardec com esse Espiritismo presente na cultura brasileira, e logo em seguida voltaremos para os textos arquétipos dos porta-vozes e como o Kardecismo é combatido nos mesmos.

---

<sup>38</sup> Mariano (1999, p. 115 e 116) concorda e confirma essa tese.

<sup>39</sup> Os três textos estudados nesse trabalho Soares (1984), Macedo (2004) e Itioka (1990).

### **3. ESPIRITISMO KARDECISTA**

Neste capítulo a proposta é discutir o espiritismo no Brasil, as mudanças e adaptações que este teve com o ethos brasileiro, as diferenças entre o espiritismo, Umbanda e candomblé e a visão que o agente espírita tem sobre si mesmo, baseado nas obras de Kardec.

Essa discussão se faz necessária para definir o recorte proposto, O Kardecismo no imaginário pentecostal. Esse por sua vez é somente um dos elementos do espiritismo no imaginário pentecostal.

#### **3.1. O Espiritismo no Brasil**

No Brasil, as primeiras manifestações espíritas (mesas girantes) registradas, datam de 14 de junho de 1853 no Jornal do Comércio, do Rio.

No dia 2 de Julho de 1853 o Diário de Pernambuco informava aos leitores que, em Paris, 'não se pode por pé em um salão, sem ver toda a sociedade em torno de uma mesa redonda, tendo cada um o dedo mínimo apoiado no do vizinho e esperando todos em silêncio que a tábula queira voltar'. Nove dias depois o mesmo jornal torna a ocupar-se com as danças das mesas (Kloppenburg, 1960, p. 13).

Às 22:00 horas da noite de 17 de setembro de 1865, realizou-se em Salvador da Bahia a primeira e autêntica sessão espírita registrada nos anais do Espiritismo brasileiro, sob a direção de Luís Olímpio Teles de Menezes. Neste mesmo ano foi fundado na Bahia, por Teles de Menezes, o primeiro centro espírita: o Grupo Familiar do Espiritismo. E foi ainda em Salvador que surgiu,

em 1869, primeira publicação periódica espírita intitulada. O Eco do Além Túmulo (Kloppenburg, 1960, p. 15).

Para Monteiro (2003, p. 69), a obra *Pensamentos e Reflexões* de Marquês de Maricá (1773-1848) é a literatura pioneira do espiritismo no Brasil, onde seus escritos podem ser relacionados com as obras de Kardec<sup>40</sup> e sua doutrina.

“O Marquês de Maricá foi, sem dúvida, um dos precursores mundiais das idéias espíritas, e sua obra, começada a ser escrita em jornal, em 1813, e publicada em livro pela primeira vez em 1839, é um marco no Brasil” (Monteiro, 2003, p. 71).

Em 1º de janeiro de 1884, foi formada a primeira Federação Espírita Brasileira, “Tendo como primeiro Presidente o Sr. Ewerton Quadros, e como órgão oficial a revista *Reformador*” (Kloppenburg, 1960, p. 18).

O Espiritismo no Brasil, a priori, foi absorvido pela elite de Salvador e Rio de Janeiro, com acesso à literatura francesa que muito era lida no Brasil Império (Mario, 2002, p. 69). A elite comentada aqui se preocupava com o que ocorria na Europa, foram os primeiros a conhecerem as obras de Kardec (no Brasil) que propunham uma religião racional (Santos, 1997, p. 14).

O *Reformador* escreveu que em março de 1955, o Brasil era considerado o país com mais Espíritas no mundo:

Hoje o país mais kardequiano (sic) do Planeta é o Brasil: por todo o território nacional brasileiro há iniciados na doutrina kardequiana do mundo. Só no Brasil se distribuem mais livros de Allan Kardec do que em todos os outros países reunidos, e surgiu uma literatura inteiramente concorde com a Codificação (Kloppenburg, 1960, p. 23).

“Há até uma cidade fundada exclusivamente por Espíritas. Palmelo, a 200 quilômetros de Goiânia, GO, surgiu a partir da criação de um centro espírita, em

---

<sup>40</sup> Isso segundo as ideais de Kardec é possível porque o espiritismo é uma revelação coletiva.

1929” (Sarmatz, 2002, p. 50). No Brasil o espiritismo espalhou-se rapidamente, e aqui teve características próprias.

Uma das grandes discussões, sobre o espiritismo, é a respeito da sua religiosidade ou cientificidade. Existe toda uma discussão sobre o assunto, onde o espiritismo se encaixa?

Para Monteiro (2003, p. 134) o espiritismo é uma filosofia, ciência e religião, que traz a moral cristã, o olhar racional para o entendimento de Deus, e propõe instrumentos filosóficos para a compreensão do homem e do mundo.

O principal meio da propagação da doutrina espírita no Brasil foi a literatura de Kardec, posteriormente os jornais e revistas espíritas e a literatura desenvolvida por Francisco Xavier.

Com Francisco Xavier, o espiritismo brasileiro tinha sua própria<sup>41</sup> história e doutrina (Santos, 1997, p. 42). Passou por grande perseguição da Igreja Católica, vários médiuns foram processados<sup>42</sup>. Mas o espiritismo era considerado uma religião e a constituição permitia liberdade religiosa, assim os médiuns não eram oficialmente presos ou os processos eram arquivados (Santos, 1997, p. 42, 43).

Além da literatura outros pontos importantes para a propagação do espiritismo, foram às ações sociais, com a ideologia da caridade tão pregada e repercutida nos centros espíritas<sup>43</sup> e a ação dos médiuns que realizavam cirurgias espirituais e passavam receitas para eventuais doenças (Santos, 1997, p. 28).

---

<sup>41</sup> Santos refere-se à obra *Nosso Lar*, publicada em 1944, onde acima da capital do Brasil havia uma cidade espírita e foi de grande sucesso.

<sup>42</sup> Eram processados por medicina ilegal, charlatanismo, etc.

<sup>43</sup> Segundo Monteiro (2003, p.175) o termo centro espírita deriva da comissão central que Kardec, deixou como ordenadora do espiritismo, posteriormente, veio o termo centro espírita.

No Brasil o espiritismo sofreu influência do catolicismo (santos, imagens, preces) e das religiões afro-brasileiras (roupas brancas), onde surgiram alguns conflitos internos (Mario, 2002, p. 71).

Desses conflitos o resultado foi a propagação do espiritismo como religião racional, com olhar científico para a compreensão de Deus, no qual teve vários adeptos das forças militares, classe média. Na defesa das perseguições Católicas, enraizou-se na cultura brasileira, como religião cristã, “misturando-se” com o catolicismo e religiões afro-brasileiras, apesar de que a diferença do espiritismo com as outras manifestações religiosas no Brasil são por essência as obras de Kardec (Santos, 1997, p. 81, 82).

Segundo Stoll (2003) o espiritismo tem como manifestação hegemônica o modelo de espírita deixado por Chico Xavier e atualmente o modelo de Gasparetto está ganhando muito espaço<sup>44</sup>.

Para Stoll (2003, p. 194) Chico Xavier construiu sua história de vida sobre o aspecto de sofrimento, renúncia e “missão” que leva à santidade. Assim, o espiritismo no Brasil tem como exemplo hegemônico a modelo deixado por Chico Xavier.

Esse modo católico de ser espírita, concretizado por Chico Xavier através do exemplo de vida, parece ser responsável, em larga medida, pela transformação dessa que era uma doutrina estrangeira em religião integrante do ethos nacional. Da moda de salão, da atividade de cunho terapêutico, o

---

<sup>44</sup> A obra em questão foi uma tese defendida na Universidade de São Paulo, em que a autora parte de uma visão antropológica para estudar e pesquisar o espiritismo no Brasil. Utiliza-se da hipótese de Geertz. Observando O Islã (1968), as “distorções religiosas (doutrinárias, rituais e/ou cosmológicas) não configuram efetivamente um desvio ou mesmo uma exceção. A produção da diferença é própria da lógica da universalização das religiões. Essa hipótese nos parece sugestiva para pensar as especificidades manifestas pelo Espiritismo brasileiro (...) proponho como estratégia de investigação a análise de relatos biográficos de personagens cujas histórias de vida e carreiras religiosas são representativas de momentos específicos da história do Espiritismo no Brasil” (Stoll, 2003, p. 61).

Espiritismo passou a integrar o imaginário brasileiro. (...) Esse modelo, que ainda hoje é hegemônico no país, vem, no entanto, sofrendo nos últimos anos algumas críticas, que tem resultado na fragmentação do movimento espírita.(Stoll, 2003, p. 196).

Outra história de vida<sup>45</sup> trabalhada pela autora é a de Luiz Gasparetto, que recebeu a benção de Chico Xavier e busca trabalhar com o espiritismo inserindo esse no neo-esoterismo e auto-ajuda (Stoll, 2003, p. 243).

A autora argumenta que existem diferenças centrais entre o modelo de Chico Xavier e Luiz Gasparetto. O primeiro caracteriza-se pelo sofrimento, sacrifício, renúncia, pobreza, desapego, caridade, enquanto o segundo caracteriza pela felicidade, prazer, auto-realização, prosperidade, auto-ajuda (Stoll, 2003, p. 274).

A prosperidade<sup>46</sup> é destacada pela autora na ação de Gasparetto, e afirma que essa maneira “nova” de interpretar o espiritismo se deve por busca de controle do campo religioso (Stoll, 2003, p. 276).

O estudo de caso sobre a trajetória de Luiz Gasparetto sugere que elas desafiam também o discurso de virtudes da santidade, versão do ascetismo no mundo definido como ideal não apenas pelo Catolicismo, mas por outros sistemas religiosos que dele se apropriaram, como é o caso, por exemplo, do Espiritismo brasileiro (Stoll, 2003, p. 277).

No campo religioso, as suas várias maneiras de manifestação do espiritismo são concorrentes. Sobre essa discussão outra referência é a Revista das Religiões p. 26 edição de 18 de fevereiro de 2005, em que é abordado o espiritismo no Brasil. São apresentadas quatro linhas espíritas diferentes e concorrentes, dentro do campo religioso. Federação Espírita Brasileira (cerca de 10 mil centros, segue três aspectos: filosófico, religioso e científico, utiliza-se do passe, e busca ancorar nas

---

<sup>45</sup> A autora trabalha com três “tipos ideais” Kardec, Chico Xavier e Luiz Gasparetto.

<sup>46</sup> Conceito trabalhado e discutido melhor no capítulo três dessa dissertação.

obras de Kardec); Aliança Espírita Evangélica (Cerca de 800 casas, ponto central é o aspecto religioso de evangelização e muito rigoroso); Centros independentes (Não seguem formalidades, e cada líder tem sua independência); Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (dá ênfase a auto-ajuda, autoconhecimento).

No Brasil contemporâneo existe toda uma guerra santa<sup>47</sup> desenvolvida pelas Igrejas pentecostais e neopentecostais que declaram o espiritismo como uma ação do Diabo e que pretende realizar muito mal, não muito diferente da perseguição realizada pela Igreja Católica no final do século XIX<sup>48</sup> e início do século XX, assunto que será discutido no capítulo três e quatro deste trabalho.

A doutrina espírita à brasileira atualmente está se propagando pelo mundo globalizado, Japão, Suécia, países Latinos, como uma religião, que aqui no Brasil tem suas características próprias e que desde 1865<sup>49</sup> se coloca como uma religião de leigos, que busca ser a referencia para a humanidade e a religião mundial do futuro (Santos, 1997, p. 82).

Um problema corrente sobre o estudo em questão é argumentar as diferenças que existem entre espiritismo, Umbanda e candomblé, no senso comum e acadêmico. Muitos defendem a idéia que as duas manifestações no imaginário pentecostal são encaradas como iguais não havendo diferenças entre ambas.

A seguir discutiremos as diferenças dessas religiões.

---

<sup>47</sup> Sobre o assunto entre outros, temos a obra de Soares (1984); *Espiritismo: a magia do engano*. Em sua obra o autor relata que o espiritismo é uma religião que propaga o Diabo, pois essa nega a existência do mesmo, sendo essa uma das melhores maneiras do Diabo agir livremente no meio dos homens. E entre muitos outros pontos relata que a primeira sessão espírita aconteceu no Éden, a serpente era o médium, Eva era a consulente e o Diabo era o espírito.

<sup>48</sup> Entre outros autores um referencial para essa discussão encontra-se nas obras de Kloppenburg, *O Espiritismo no Brasil* (1960) e *O livro Negro do Espiritismo* (1960).

<sup>49</sup> Primeira associação espírita, Salvador.

### 3.2. A Umbanda

A Umbanda, surgiu no Brasil em 1920 e é considerada a única religião originalmente brasileira. Com características híbridas, absorve rituais afro-brasileiros, conceitos kardecistas e santos católicos, sendo considerada uma religião urbana e monoteísta, que age contra a quimbanda.

Ao final do século XIX, o negro foi perdendo espaço<sup>50</sup> em suas tarefas para os imigrantes, que iam suprimindo suas funções, aumentando consideravelmente o número de suicídios dos negros que saindo das áreas rurais e “expulsos” para as áreas urbanas se viam jogados para mendicagem, ladroagem, e exclusão social. Seguindo essa lógica a cultura, com olhar para a África, perdia seu espaço e uma maneira dela “sobreviver” foi com o embranquecimento e sincretismo da mesma. (Ortiz, 1999, p. 28).

“O nascimento da religião umbandista deve ser apreendido neste movimento de transformação global da sociedade brasileira. A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada” (Ortiz, 1999, p. 32).

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil começava aumentar sua indústria e ia substituindo a economia predominante por uma economia além de “rural”, também industrializada, com características urbanas, que veio a se consolidar com a Era Vargas<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Após a abolição da escravatura, lei áurea de 13 de maio de 1888.

<sup>51</sup> Período que vai de 1930-1945.

As tradições afro-brasileiras<sup>52</sup> sendo afetadas pelas transformações sociais foram canalizadas, em uma nova manifestação religiosa, a Umbanda. Essa embranqueceu aquelas devido à incorporação de características kardecistas (que muito se transformou em contato com a cultura brasileira) e catolicismo popular (Ortiz, 1999, p. 34-40).

Os espíritas utilizando as obras de Kardec, buscavam uma originalidade doutrinária separando-se das outras religiões, evitando o sincretismo. As tradições afro-brasileiras com olhar para a cultura da África iam se afastando do kardecismo. A Umbanda ficou no meio, nem kardecista, nem afro-brasileira, mas como uma nova religião.

A Umbanda aparece, pois como uma solução original; ela vem tecer um liame de continuidade entre as práticas mágicas populares à dominância negra e a ideologia espírita. Sua originalidade consiste em reinterpretar os valores tradicionais, segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial (Ortiz, 1999, p. 48).

Nos rituais umbandistas, preto velho, caboclo, criança e os exus, são o foco central, sendo os três primeiros à base da Umbanda e o último da quimbanda. Essa concepção aproxima-se da dualidade cristã entre a luta do bem e do mal, e a trindade umbandista<sup>53</sup> por sua vez aproxima da trindade católica (Ortiz, 1999, p. 70-79).

Mais à frente o autor traz o discurso dos umbandistas, no qual esses utilizam a história (a Umbanda surgiu na África e outra versão que surgiu na Índia e sobreviveu até nossos dias atuais), ciência (explicações pela física, dos fenômenos

---

<sup>52</sup> Para Ortiz (1999, p. 16) a diferença entre as religiões afro-brasileiras e a Umbanda, é que a primeira mantém um olhar para a cultura Africana, enquanto a Umbanda mantém um olhar para a cultura brasileira.

<sup>53</sup> “Obatalá é o Pai, Oxalá o Filho e Ifá(Orixá do destino nos cultos afro-brasileiros), o Espírito Santo” (Ortiz, 1999 p. 79).

umbandistas) e literatura para legitimar a Umbanda (Ortiz, 1999, p. 170-179). Sobre esse discurso a obra *Pemba: A grafia Sagrada dos Orixás de Itaoman* (1990) é um bom exemplo ilustrativo.

Itaoman (1990, p. 77-84), realiza toda uma investigação da origem do homem negro e suas formas de escrita, influência Indiana e Egípcia sobre a mesma, relacionando essa com a Pemba<sup>54</sup>. Para Itaoman (1990, p. 100, 101) a Pemba escrita que veio do alfabeto Adâmico<sup>55</sup> deu origem à palavra Umbanda que em sua forma antiga era escrita AUM-BHAN-DAN. A soma das três palavras criou o termo Umbanda e elas significam respectivamente AUM=Deus, BHAN=Conjundo, DAN=Leis.

No prosseguimento da obra, Itaoman (1990, p. 120; 173; 234), realiza todo um discurso da relação da Umbanda com a astrologia<sup>56</sup> e busca pontos da física (astronomia) para complementar a idéia proposta. E no final da obra argumenta sobre a importância da iniciação onde essa concede poderes astrais àqueles que são submetidos a um ou mais rituais, e que os mesmos irão ter ao seu lado entidades que o protegerão? (Itaoman, 1990, p. 245)

A Umbanda segundo Ortiz (1999, p. 210) é uma religião que utiliza do rádio, jornais, revistas, televisão, para propagação de sua doutrina, que reivindica ser 100% brasileira.

---

<sup>54</sup> Pemba era o material utilizado para as grafias sagradas do antigo Império Iorubá, que foram perseguidos pela tradição Islâmica, e que não é nada mais que um giz mineral, ou um mineral que deixa gravado essa grafia, que sobreviveu, e hoje se encontra em meio aos umbandistas, que a utilizam para relacionarem com o mundo dos espíritos (Itaoman, 1990, p. 91).

<sup>55</sup> Para Itaoman (1990, p. 95-98) o alfabeto adâmico que antes era chamado de WATTAN, é tão antigo como o surgimento do verbo (gêneses da bíblia hebraica).

<sup>56</sup> Sobre esse assunto Itaoman, discute toda a questão histórica da astrologia passando pelos egípcios, babilônios, gregos, romanos.

Nascida no Brasil, a Umbanda pode ser chamada de religião brasileira... Mas Umbanda também pode ser dita “religião brasileira” porque é a resultante de um encontro histórico único, que só se deu no Brasil; o encontro cultural de diversas crenças e tradições religiosas africanas com as formas populares de catolicismo, mais o sincretismo hindu-cristão trazido pelo espiritismo kardecista de origem européia. Eis aí a Umbanda, um sincretismo religioso originalmente brasileiro “ (Gaarder, 2000, p. 299).

Atualmente a primeira faculdade umbandista foi aberta no Brasil, que vem a complementar o discurso umbandista, dito por Ortiz, que relaciona a religião com a ciência.

Começaram as aulas numa faculdade inédita no Brasil: trata-se da primeira Faculdade de Teologia umbandista, que funciona em São Paulo. Ao lado de matérias tradicionais como filosofia, sociologia, ciências políticas e português, há na grade curricular as disciplinas sobre fundamentos de teologia umbandista, psicologia geral umbandista e botânica umbandista – essa cadeira estuda sob o ponto de vista científico as ervas utilizadas nos cultos. ISTOÉ conversou com o cardiologista e sacerdote umbandista Francisco Rivas Neto, diretor geral da faculdade. ISTOÉ – Por que surgiu essa idéia? Rivas – Queremos dar um status de cidadania aos umbandistas que sempre foram marginalizados. ISTOÉ – O que os guias espirituais acharam da iniciativa? Rivas – A idéia veio dos mentores de Umbanda. Somos apenas os instrumentos. ISTOÉ – Há conflito entre ciência e Umbanda? Rivas – Não. Nós pregamos a teologia da convergência que prevê a convivência pacífica entre a filosofia, a religião e a ciência. São todas visões diferentes de uma mesma sabedoria (ISTOÉ, 2004, p. 21).

E ainda no discurso umbandista de Ribeiro (2004, p. 13) “A Umbanda não é sincrética, pois possui sua própria teogonia, liturgia e doutrina, que se baseiam na manifestação de entidades espirituais evoluídas”.

A Umbanda sendo considerada como a religião brasileira, é dita manifestação dos demônios presente no imaginário pentecostal, agindo juntamente com o espiritismo e candomblé para propagar o mal na sociedade brasileira. Trataremos melhor desse assunto mais à frente.

### 3.3. As Religiões Afro - brasileiras

As religiões afro-brasileiras em cada região do Brasil e dependendo da origem Africana (Nagô, Iorubas, Gêges, Malês e muitos outros) recebem denominações diferentes. Candomblé, tambor de minas, conga, macumba, xangô, batuque, etc. Assim nessa parte do trabalho, serão discutidas as manifestações religiosas afro-brasileiras e o papel dos Orixás, para diferenciar os mesmos do espiritismo kardecista.

Os Orixás estão presentes nos mitos<sup>57</sup> das tradições afro, que em cada região tem suas próprias feições. Na África são contados, vividos nos ritos de maneira que diferem da maneira que são vividos no Brasil, em Cuba, EUA.

Os orixás são deuses que receberam de Olodumar ou Olorum, também chamado Olofin em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana.(Prandi, 2001, p. 20).

Exu é aquele que liga, o homem aos orixás, participando diretamente dos ritos, jogos de búzios, e mitos.

Não é difícil inferir o importante papel que Êsù desempenha na prática ritual. É precisamente a ação litúrgica que explicita e confirma seu complexo significado simbólico. Elemento de propulsão e de comunicação, ele é o primeiro a ser invocado (Santos, 1998, p. 182).

Nos jogos divinatórios de búzios, o Exu liga o homem aos orixás. Aqueles separam, ou abrem um caminho para a comunicação do mundo profano (seres

---

<sup>57</sup> O conceito de mito usado nesse trabalho refere-se ao trabalho *Mito e Realidade* de Eliade (2002), onde o mito conta uma história sagrada, ocorrida no tempo primordial, do princípio e fornece uma significação ao Mundo.

humano), com o mundo sagrado (orixás), e o Exu é responsável de transmitir<sup>58</sup> aos búzios, as respostas divinas (Braga, 1988, p. 117-122).

Os mitos dos orixás fazem parte originalmente dos textos, ou oralidade dos babalaôs<sup>59</sup>, que relatam sobre a criação do mundo. Os babalaôs utilizam as plantas, animais e homens para afirmar os mitos e ritualizá-los. Os orixás são a referência primeira desses mitos. As plantas, animais e homens não existem em si mesmos, mas em inter-relação (Prandi, 2001, p. 24).

No candomblé, como nas outras denominações das religiões afro-brasileiras, busca-se a ação direta das forças sobrenaturais nesse mundo. Os adeptos do candomblé seguem rituais que se fundamentam nos mitos e cada pessoa tem seu orixá, que traz o axé responsável pela energia de cada um, de cada lugar. Cada pessoa, lugar, orixá, região, tem seu próprio axé, ou energia (Gaarder, 2000, p. 292-95).

A dualidade (bem, contra o mal) não tem muito espaço, pois, os Orixás representam as forças do bem e do mal, e não uma entidade exclusiva para o bem e outra para o mal. Os Orixás podem representar tanto o bem como o mal. Os Orixás não são dotados de exclusividade maléfica ou benéfica, mas possui as duas. No imaginário pentecostal os Orixás são a representação do Diabo<sup>60</sup>, uma entidade do mal, contra o bem que é Deus.

---

<sup>58</sup> As respostas repassadas através dos jogos de búzios são fundamentadas nos mitos e exemplos arquetipos dos Orixás (Braga, 1988, p. 117).

<sup>59</sup> Responsáveis de fazerem a comunicação com os orixás a fim de darem respostas a tudo que existe.

<sup>60</sup> Talvez, tal argumentação tenha algum sentido na história do Brasil, pois, segundo Souza (2002, p. 94) o negro que estava numa condição de escravo, não via sentido em pedir melhores colheitas, fertilidade, pois quase a totalidade dos bens produzidos ia para o branco. Assim sobrava aos negros buscarem os orixás da vingança, pedindo seca, morte, destruição.

As religiões afro-brasileiras são politeístas, com o olhar para a cultura africana e diferem da Umbanda que é monoteísta, com olhar para a cultura brasileira. O espiritismo kardecista, que difere das outras denominações, tem como referência primeira as obras de Kardec.

No Brasil o Espiritismo kardecista, possui características próprias que difere do Espiritismo kardecista da Europa, por exemplo. O primeiro é uma religião, o segundo um método para comunicar com os mortos<sup>61</sup>

Comparando o “Espiritismo à brasileira” e as obras de Kardec, aquele seria descredenciado, ou confirmado? A proposta a seguir adentra nesta perspectiva.

### **3.4. O espiritismo e Allan Kardec**

As obras de Kardec são a referência para o espiritismo e seus agentes se auto identificarem como tais. Nesse trabalho as discussões das obras de Kardec partem do imaginário, e não visam uma discussão teológica das mesmas.

Kardec foi o fundador da doutrina Espírita. A 3 de outubro de 1804, às dezenove horas, na casa do magistrado Jean Baptiste Antoine Rivail e esposa Jeanne Duhamel, na cidade de Lyon, França, 76, nasceu Denizar Hippolyte Léon Rivail, futuro Allan Kardec. Em 1835 a 1840, lecionou matemática, astronomia, química, retórica, anatomia comparada e fisiologia, e língua francesa. Rivail era um “pedagogo que fundou na própria casa um curso gratuito de Química, Física, Anatomia e outras ciências, chegou a estudar medicina, mas logo abandonou o plano de atuar nessa profissão” (Sarmatz, 2002, p. 48).

---

<sup>61</sup> Essa discussão está presente acima, juntamente com a referência da mesma.

Entre as suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: Plano proposto para a melhoria da instrução pública(1828); Curso prático e teórico de aritmética, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores primários e das mães de família(1829); Gramática Francesa Clássica(1831). Manual dos Exames para os diplomas de capacidade. Soluções arrazoadas das perguntas e problemas de aritmética e de geometria(1846). Catecismo gramatical da língua francesa(1848); Programa de cursos usuais de química, física, astronomia, fisiologia, que ele professava no Lycee Polymathique. Ditado normal dos exames da Prefeitura e da Sorbonne, acompanhado de Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas(1849), obra muito estimada na época de sua aparição, e da qual, recentemente ainda, se faziam tirar novas edições (Kardec(B), 2000, p. 12).

Desde 1848, os sons produzidos pelas irmãs Fox<sup>62</sup> nos EUA, em mesas, intrigaram os curiosos, que buscavam uma explicação lógica para tais fenômenos. Tais manifestações espalharam pelo mundo rapidamente (notícias de jornais) e formaram uma indagação sobre os fenômenos.

Em 1854 Rivail, tomou conhecimento pela primeira vez das mesas falantes e vibrantes através de um amigo, Fortier. Aquele “foi de absoluta descrença, desde que a mesa não possuía nervos nem cérebro, nem podia tornar-se sonâmbula” (Kardec, 1993, p. 24).

Em 1855 um outro amigo de Rivail, relatou os acontecimentos com as mesas, assim ele decidiu assistir as manifestações.

Curioso e ainda descrente, Rivail começou a freqüentar algumas reuniões – e teria visto seu ceticismo virar picadinho ao observar mesas e outros objetos ganharem movimento sem a ajuda de qualquer pessoa ou mecanismo especial. Disposto a entender esses fenômenos, Rivail mergulhou no estudo de várias correntes do misticismo e começou (num gesto que viria confirmar suas inclinações científicas) a experimentar e repetir vários daqueles que seriam fenômenos de comunicação com o mundo dos mortos.

---

<sup>62</sup> Ficaram conhecidas pelas apresentações que faziam com mesas, onde essas giravam, moviam-se, emitiam sons.(séc. XIX, nos EUA).

Numa das sessões que presenciava, Rivail ouviu de um médium que ele já fora um celta chamado Allan Kardec. E que, como Kardec, ele deveria reunir os muitos ensinamentos e conclusões dos últimos séculos numa doutrina que propagasse os ideais de Cristo e trouxesse alívio para os corações dos homens. Imbuído desse espírito (sem trocadilhos), Kardec começou a trabalhar na síntese que gerou o Espiritismo (Sarmatz, 2002, p. 50).

Rivail adotou o pseudônimo Allan Kardec, baseado no que um espírito revelou que o “conhecia de remotas existências, uma das quais passada no mesmo solo da França, onde a sua individualidade tinha revestido a personalidade de um druida, chamado Allan Kardec” (Kardec, 1993, p. 10).

Desses estudos, Kardec começou a escrever suas obras que trariam á luz a doutrina Espírita.

As suas principais obras sobre essa matéria são: O Livro dos Espíritos, para a parte filosófica e cuja primeira edição apareceu em 18 de abril de 1857; O Livro dos Médiuns, para a parte experimental e científica (janeiro de 1861); O Evangelho Segundo o Espiritismo, para a parte moral (abril de 1864); O Céu e o Inferno, ou a Justiça de Deus segundo o Espiritismo (agosto de 1865); A Gênese, os Milagres e as Predições (janeiro de 1868); a Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos, coletânea mensal começada em 1º de janeiro de 1858. Fundou em Paris, a 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade Espírita regularmente constituída, sob o nome de Sociedade parisiense de Estudos Espíritas, cujo objetivo exclusivo era o estudo de tudo o que pode contribuir para o progresso desta nova ciência. O Sr. Allan Kardec nega a justo título de nada Ter escrito sob a influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas; homem de um caráter frio e calmo, ele observou os fatos, e de suas observações deduziu. as leis que os regem; no primeiro deu a teoria e nele formou um corpo metódico e regular (Kardec(B), 2000, p. 14).

Após a obra *O Livro dos Espíritos*, os fenômenos que eram estipulados por curiosidade se encontravam em uma filosofia, que consolidou a doutrina Espírita.

Kardec em 1869, morreu com problemas no coração.

O espiritismo foi construído e esta será nossa próxima discussão.

### 3.4.1. A Doutrina Espírita

A Doutrina Espírita é uma nova religião, nova ciência ou nova filosofia? O que será essa nova forma de compreensão de Deus, dos anjos, dos demônios, do céu, inferno, da morte? Para essas perguntas, usaremos as obras de Kardec, e alguns outros autores que discutem o mesmo assunto.

As obras já foram mencionadas, e acrescentando a nossa discussão usaremos outras quatro obras que se encontra como autor o Allan Kardec. *O Principiante Espírita* (1993); *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas* (1987); *O que o Espiritismo* (1987); *Obras Póstumas* (2000).

O movimento espírita kardecista, ao surgir na Segunda metade do séc. XIX, afirmou-se enquanto doutrina espiritual, filosófica e científica, centrada na relação com a morte, no contato sistemático e regular com os espíritos dos mortos, nas manifestações conscientes destes mesmos espíritos e nos ensinamentos por eles transmitidos (Silva, 2002, p. 1).

Para Kardec, o espiritismo, consiste na terceira revelação de Deus, sendo a primeira revelada por Moisés (Antigo Testamento), a segunda por Cristo (Novo Testamento) e a terceira pelos espíritos, esta sendo coletiva e não personificada em um único indivíduo, mas espalhada por todo o mundo.

A primeira revelação estava personificada em Moisés; a segunda no Cristo; a terceira não está em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva, está aí um caráter essencial de uma grande importância. Ela é coletiva no sentido de que não foi feita como privilégio a pessoa alguma, que ninguém, por conseguinte, pode dela se dizer o profeta exclusivo. Foi feita, simultaneamente, sobre toda a Terra, a milhões de

peessoas, de todas as idades, e de todas as condições (Kardec(A), 2000, p. 33).

”Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por uma via mais rápida e mais autêntica; por isso encarregou os Espíritos de irem levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir sua palavra” (Kardec(D), 2000, p. 11).

Essa revelação tem duplo caráter: uma revelação de Deus e uma revelação da ciência. Mas esses espíritos comunicavam através do quê, com quem, por quê?

Essa revelação, só foi possível, com a ajuda dos médiuns, que codificam as mensagens dos espíritos, e as torna possível de compreensão.

... o Espiritismo, com a ajuda dos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos, que é também uma das forças ativas da Natureza. Com ajuda dos médiuns videntes, pudemos estudar o mundo invisível, iniciar-nos em seus hábitos, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com a ajuda de alguns homens que gozassem da visão (Kardec(F), 2000, p. 125).

Para o espiritismo todas as pessoas são médiuns (canal de comunicação entre os vivos e os mortos), mas alguns desenvolvem mais essa capacidade enquanto outros não despertam-na (Kardec(F), 2000, p. 181).

Médium (do lat. Médium, meio, intermediário): pessoas acessíveis à influência dos Espíritos, mais ou menos dotados da faculdade de receber e transmitir suas comunicações. O médium é um intermediário; é um agente ou um instrumento que é usado na comunicação dos espíritos encarnados (nós seres humanos vivo) e dos espíritos desencarnados (seres humanos “mortos” ou espíritos evoluídos ou não).

Para Kardec, os médiuns são classificados em: Médiuns de Influência Física: motores, tiptológicos, aparição, naturais, facultativos; Médiuns de Influência

Moral: escreventes ou psicógrafos, pneumatógrafos, desenhadores, falantes, comunicadores, inspirados, pressentimento, videntes, sensitivos (Kardec(F), 2000, p. 181).

O espiritismo afirma que o ser humano é formado de três elementos: a alma, o corpo e o perispírito. O primeiro é a fonte primordial da inteligência e da moral, o segundo constitui a matéria e o terceiro é fluídico, semimaterial, que liga a alma ao corpo (Kardec(B), 2000, p. 15).

Quando algum indivíduo morre, seu corpo transforma-se (decomposição da matéria), mas seu perispírito junto à alma continuam individuais no universo e justamente esse perispírito que possibilita a comunicação dos mortos (espíritos) com os médiuns, pois, estes têm o perispírito mais desenvolvido. Para o espiritismo a morte é o esgotamento dos órgãos (Kardec(E), 2000, p. 67).

A comunicação é realizada pela força do pensamento e não pelos sentidos. O perispírito do morto comunica-se com o perispírito do médium (Kardec(F), 2000, p. 64).

Dessas comunicações e manifestações, Kardec utilizou e constituiu a doutrina Espírita, que segundo ele foi ditada pelos espíritos superiores. Para o espiritismo todos os espíritos nascem iguais e ignorantes, alguns desenvolvem mais que os outros e na medida em que a evolução vai atingindo a perfeição (Deus), eles se tornam mais puros.

... os espíritos são criados numa espécie de ponto zero, onde todos são imperfeitos e devem chegar – ao longo de várias e sucessivas encarnações – à perfeição. A cada encarnação o espíritos aprende um pouco mais sobre bondade, tolerância e caridade. Claro que nem todos são santo: o livre-arbítrio(a capacidade de cada um escolher o seu destino) é um elemento importante da religião. Por isso, haveria espíritos deliberadamente maléficis fadados a intermináveis(e sofridas) encarnações na Terra. Os espíritos só se

tornarão mais iluminados e superiores na medida em que forem eliminando seus maus hábitos, os aspectos ruins do seu caráter e passarem a praticar o bem (Sarmatz, 2002, p. 53).

“São os próprios Espíritos que se melhoram e melhorando-se, passam de uma ordem inferior para uma ordem superior” (Kardec(E), 2000, p. 83). Os espíritos são classificados em três ordens e dez classes:

A classificação dos Espíritos baseia-se sobre o grau do seu adiantamento sobre as qualidades que adquiriram e sobre as imperfeições das quais devem ainda se despojar. Esta classificação, de resto, nada tem de absoluta; cada categoria não apresenta um caráter nítido senão no seu conjunto (Kardec(E), 2000, p. 76).

Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, quer dizer, sem ciência. Deu a cada um determinada missão com o fim de esclarecê-los e fazê-los alcançar, progressivamente, a perfeição para o conhecimento da verdade e para aproximá-los dele. A felicidade plena e pura é para aqueles que alcançam essa perfeição. Os Espíritos adquirem esses conhecimentos, passando pelas provas que Deus lhes impõem. Alguns aceitam essas provas com submissão e alcançam mais prontamente o fim de sua distinção. Outros não as suportam senão murmurando e, por suas faltas, permanecem distanciados da perfeição e da felicidade prometida (Kardec(E), 2000, p. 83).

Os espíritos devem passar por várias existências, aqui na Terra e em outros planetas, para cada missão concluída, uma evolução a mais alcançada.

... o homem da Terra está longe de ser, como crê, o primeiro em inteligência, em bondade e perfeição. Todavia, há homens que se crêem muito fortes, que imaginam que somente seu pequeno globo tem o privilégio de abrigar seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que Deus criou o Universo só para eles.

Deus povoou os mundos de seres vivos, concorrendo todos ao objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estão limitados ao único ponto que habitamos no Universo, seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que não fez nada inútil, ele deve ter determinado para esses mundos um fim mais sério que o de recrear nossa visão. Nada, aliás, nem na posição, no volume, na constituição tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes (Kardec(E), 2000, p. 60).

O espiritismo defende a idéia de reencarnação, para que com essas existências o ser seja capaz de evoluir e sempre tendo a possibilidade de reparar um “erro”, uma angústia, desafeto, infelicidade que impedem sua evolução, portanto contrariando a idéia de penas e salvação eterna. Essas reencarnações, não são castigos, e sim uma lei natural do Universo. “A cada um segundo as suas obras, palavras que resumem toda a justiça de Deus” (Kardec(C), 2000, p. 56). O espírito é responsável, por onde está e em que condições está, não é uma obra de Deus ou porque Deus quis, que esse ou aquele espírito, sofra ou seja feliz, são seus atos que o levam a evolução.

“O Espiritismo tem por fim demonstrar e estudar as manifestações dos Espíritos, suas faculdades, sua situação feliz ou infeliz e o futuro que os aguarda. Numa palavra: o conhecimento do mundo espiritual” (Kardec, 1987, p. 100). Esse mundo espiritual, de sobrenatural não tem nada, para Kardec o mundo invisível é uma das leis da natureza.

Os espíritos exercem, sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento, e constituem uma das forças da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos, até agora inexplicados, ou mal explicados, e que não encontram uma solução racional senão no Espiritismo (Kardec(E), 2000, p. 20).

Na doutrina Espírita, a idéia de sobrenatural, mágico ou maravilhoso, não existe. Tudo, segundo Kardec, é explicado cientificamente, e segue nada mais do que uma lei da natureza.

O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da natureza, como a fonte de uma multidão de

fenômenos incompreendidos, até então atirados, por essa razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso (Kardec(D), 2000, p. 36).

Esse mundo invisível, constantemente interfere no mundo visível, utilizando várias formas.

Acredita-se serem possíveis as possessões, e estas contêm segundo algumas doutrinas religiosas o demônio. Para o espiritismo as possessões são possíveis, mas não necessariamente com a ação do demônio.

A palavra possesso, em seu sentido vulgar, supõe a existência de demônios, quer dizer, de uma categoria de seres de natureza má, e a coabitação de um desses seres com a alma no corpo de um indivíduo. Posto que não há demônios nesse sentido, e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos segundo a idéia ligada a essa palavra. A palavra possesso não deve se entender senão como a dependência absoluta em que a alma pode se encontrar em relação a Espíritos imperfeitos que a subjugam (Kardec(E), 2000, p. 212).

Essa possessão também denominada obsessão "império que alguns Espíritos sabem tomar sobre certas pessoas"(Kardec(F), 2000, p. 277) não é encarada como a manifestação de um demônio, mas como uma aproximação de alguns espíritos desencarnados, de espíritos encarnados que demonstram alguma ligação, seja material, moral, intelectual.

As obsessões para o espiritismo são classificadas em três aspectos; obsessão simples; a fascinação; a subjugação (Kardec(F), 2000, p. 280). A primeira manifesta-se como algo desagradável, um determinado espírito, atrapalha o médium de comunicar com os espíritos mais avançados, mas o médium sabe muito bem que tudo não passa de fraude, e tem plena consciência disso, qualquer pessoa está exposta a esse tipo de obsessão. Nesta obsessão pode-se incluir as manifestações físicas (barulhos, ruídos...)

A segunda já é bem mais grave, o médium está literalmente fascinado, não consegue ver nada além do que o espírito lhe mostra, muitas vezes ele tem uma confiança cega e respeita muito esse espírito que lhe fascina. Qualquer médium está sujeito a esse tipo de obsessão, não importa se é instruído ou ignorante.

Compreende-se muito facilmente a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se liga a vós não é senão um ser importuno pela sua tenacidade, e do qual se está impaciente para se desembaraçar. Na Segunda, é toda outra coisa; para chegar a tais fins é preciso um Espírito hábil, astuto e profundamente hipócrita, porque não pode enganar esse fazer aceitar senão com ajuda de máscara que sabe tomar e de uma falsa aparência de virtude; as grandes palavras de caridade, humildade e amor a Deus são para ele como credenciais, mas, através de tudo isso deixa transparecer sinais de inferioridade que é preciso estar fascinado para não perceber; também receia acima de tudo as pessoas que vêem claro; é por isso que sua tática, quase sempre, é a de inspirar ao seu intérprete se distanciar de quem quer que lhe pudesse abrir os olhos; por esse meio, evitando toda contradição, está certo de ter sempre razão (Kardec(F) 2000, p. 279).

A subjugação é um controle de um espírito sobre uma pessoa, esse controle pode ser moral ou corporal. No primeiro caso essa pessoa é levada a tomar atitudes estranhas, mas que passa a ser natural, para ela, pois o espíritos que a subjuga faz ela acreditar nisso. No segundo caso a pessoa às vezes tem consciência, mas não possui o controle sobre as ações de seu corpo.

Dava-se antigamente o nome de possessão ao império exercido por maus Espíritos, quando sua influência ia até à aberração das faculdades. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. Se não adotamos esse termo foi por dois motivos: o primeiro, que implica na crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, ao passo que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, e que podem todos se melhorarem. O segundo, que implica igualmente na idéia de tomada de posse do corpo por um Espírito estranho, uma espécie de coabitação, ao passo que não há

senão constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente o pensamento. Assim, para nós, não há possuídos, no sentido vulgar da palavra; não há senão obsidiados, subjugados e fascinados (Kardec(F), 2000, p. 280).

No espiritismo, existe a influência do espírito desencarnado, sobre o espírito encarnado, mas nada de demônio agindo e entrando no corpo do indivíduo. Para o espiritismo é possível a aparição de espíritos nas formas de “fadas”, “demônios”, “duendes”. Eles são espíritos utilizando-se do perispírito para se apresentarem nessa forma. “... admitido, em princípio, que o espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências” (Kardec(F), 2000, p. 142).

No espiritismo é aceito a possibilidade do espírito de uma pessoa viva se comunicar numa sessão espírita, pois se essa pessoa estiver dormindo seu espírito não está, e mais, sai em comunicação com outros espíritos e com médiuns. Sendo acordada o espírito volta de imediato para o corpo sem problema algum. “... durante o sono, o Espírito recobra parte da sua liberdade, quer dizer, se isola do corpo” (Kardec(F), 2000, p. 135).

A doutrina espírita, vem ao mundo como uma revelação coletiva, contendo os espíritos como seres que fazem parte do mundo invisível, mas que interferem no mundo visível, isso sendo uma lei da natureza e não tendo nada de sobrenatural.

O espiritismo é afinal das contas, uma doutrina, uma religião, ou uma ciência?

### **3.5. O espiritismo como religião.**

Kardec em suas obras desenvolveu uma discussão sobre o que é a religião e o papel do espiritismo em relação a essa questão. A doutrina espírita é desenvolvida em reuniões (sociedades espíritas), é o que nós discutiremos em primeiro lugar, nessa parte do trabalho. Depois discutiremos o papel do espiritismo, em relação às religiões e se essa doutrina é ou não uma religião e por fim sua interpretação a respeito dos símbolos religiosos (santos, Jesus, Deus, demônios, céu, inferno...).

As reuniões espíritas, segundo a sua natureza, podem ser caracterizadas em: frívolas, experimentais ou instrutivas. As reuniões frívolas caracterizam pela curiosidade, são desenvolvidas com espíritos frívolos.

As reuniões frívolas se compõem de pessoas que não vêem senão o lado divertido das manifestações, que se divertem com os gracejos dos Espíritos levianos, muito curiosos com essas espécies de assembléias, onde têm toda a liberdade para se exibirem, e nas quais não faltam. É aí que se perguntam todas as espécies de banalidades, que se faz ler a boa sorte pelos Espíritos, que se coloca sua perspicácia à prova para adivinhar a idade, o que se tem no bolso, desvendar os pequenos segredos, e mil outras coisas dessa importância (Kardec(F), 2000, p. 388).

As reuniões experimentais são um espetáculo para os curiosos e baseiam-se nas manifestações físicas, que serviram para “descobrir as leis que regem o mundo invisível e, para muita gente, sem contradita, são um poderoso motivo de convicção” (Kardec(F), 2000, p. 388).

As reuniões instrutivas são as que buscam o verdadeiro ensinamento. Mas têm como intenção afastar os espíritos mentirosos, compreender o bem, e evoluir a doutrina em si. Para Kardec essas reuniões são verdadeiros testes para os médiuns, pois indicará a experiência do mesmo.

A partir dessas reuniões foram formulados os princípios do Espiritismo. O “primeiro dever que a Doutrina impõe é a caridade e a benevolência” (Kardec(F), 2000, p. 376). Todos na Terra têm uma tarefa a realizar. Essas tarefas são provas onde se deve combater o egoísmo e o orgulho, buscando o maior dos mandamentos, que, segundo o espiritismo, é a caridade.

“As fortes provas, entendi-me bem, são quase sempre o indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito” (Kardec(D), 2000, p. 195). Segundo Kardec, de todas as provas, as mais penosas são as que afetam o coração. Dessas provas e missões, os espíritos, buscando a caridade e combatendo os vícios, o egoísmo e o orgulho, atingirão, e prosseguirão em seu aperfeiçoamento.

O espiritismo afirma conter em seus ensinamentos o maior auxiliador das religiões:

...os próprios seres do outro mundo que vêm nos descrever sua situação, dizer-nos o que foram, que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua nova vida e, por esse meio, mostrando-nos o destino inevitável que nos está reservado, segundo os nossos méritos e os nossos deméritos. Há nisto algo de anti-religioso? Bem ao contrário, uma vez que os incrédulos aí encontram a fé e os indecisos uma renovação de fervor e de confiança. O Espiritismo é, pois, o mais poderoso *auxiliar da religião*. Uma vez que é assim, é porque Deus o permite, e ele o permite para reanimar as nossas esperanças vacilantes e nos reconduzir ao caminho do bem, pela perspectiva do futuro (Kardec(E), 2000, p. 96).

“O espiritismo é forte porque ele se apóia sobre as *próprias bases da religião*: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; sobretudo, porque mostra essas recompensas como conseqüências naturais da vida terrena...” (Kardec(E), 2000, p. 405).

O Espiritismo não é obra de um homem. Ninguém se pode dizer seu criador, porque é tão velho quanto a criação. Ele se encontra por toda à parte, *em todas as religiões e mais ainda na religião católica*, e com mais autoridade

que em todas as outras, porque nele se encontra o principio de tudo: os Espíritos de todos os graus, seus intercâmbios ocultos e patentes com os homens, os anjos guardiães, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todo gênero, as aparições e mesmo as aparições tangíveis. Com relação aos demônios, não são outra coisa que os maus Espíritos e, a salvo a crença de que os primeiros são perpetuamente votados ao mal, enquanto que o caminho do progresso não é interditado aos outros, não há entre eles senão uma diferença de nome (Kardec(E), 2000, p. 407).

“Se você explica a realidade social pela realidade transcendente, sua visão é religiosa” (Sarmatz, 2002, p. 48). Discutindo sobre a religião Alves (2000, p. 34) nos afirma “a religião aparece como a grande hipótese e aposta de que o universo inteiro possui uma face humana. Que ciência poderia construir tal horizonte?”

O espiritismo tem essa função, explicar a realidade social, através do transcendental, explicar que o Universo inteiro contém espíritos, alguns vieram para Terra como homens em evolução para se aproximarem da perfeição.

...em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve inteirar-se do elemento espiritual, em que a Religião, cessando de menosprezar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se uma sobre a outra, e andando juntas, se prestarão um mútuo apoio. Então a Religião, não recebendo mais o desmentido da Ciência, adquirirá uma força inabalável, porque estará de acordo com a razão, e não se lhe poderá opor a irresistível lógica dos fatos.

Essas relações, uma vez constatadas pela experiência, uma luz nova se fez: a fé se dirigiu à razão, a razão não encontrou nada de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido (Kardec(D), 2000, p. 37).

O espiritismo segundo as obras de Kardec pode ser considerado uma religião. Adiante serão expostas algumas características da mesma.

### 3.6. O Céu e o inferno

Céu vem do latim *coelum*, formado do grego *coilos*, oco, côncavo.

Existem várias expressões do que seria este símbolo, este caminho, e muitos acreditam que é um lugar do descanso sem preocupação, de paz, da glória eterna.

A teologia cristã reconhece três céus; o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo é o espaço onde se movem os astros; o terceiro, além de região dos astros, é a morada do Mais Alto, a região dos eleitos que contemplam a Deus face a face (Kardec(C), 2000, p. 24).

No espiritismo existe o mundo corporal (espíritos encarnados) e o mundo espiritual (espíritos desencarnados). Dependendo do avanço intelectual e moral, dois espíritos (mundo espiritual) podem estar um do lado do outro e vivendo condições opostas, onde um presencia a felicidade enquanto o outro presencia as trevas. Tudo depende do esforço e dedicação de cada um, nada de contemplação eterna em um lugar determinado. Tudo depende do que o espírito traz em seu coração.

A reencarnação pode ocorrer na Terra ou em outros mundos. Entre os mundos, há os mais avançados, uns do que os outros, onde a existência se cumpre em condições menos penosas do que na Terra, física e moralmente, mas onde não são admitidos senão Espíritos chegados a um grau de perfeição em relação ao estado desses mundos.

A vida, nos mundo superiores, já é uma recompensa, porque aí se está preservado dos males e das vicissitudes das quais se é alvo neste mundo. Os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não estão sujeitos nem às doenças, nem às eternidades, nem às mesmas necessidades. Os maus Espíritos, estando deles excluído, os homens neles vivem em paz, sem outro cuidado que o do seu adiantamento pelo trabalho da inteligência. Neles reina a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho; a verdadeira liberdade, porque não há desordem a

reprimir, nem ambiciosos procurando oprimir o fraco. Comparados a Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos; são as etapas do caminho do progresso que conduz ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior, destinado à depuração de Espíritos imperfeitos, essa é a razão pela qual o mal nela domina, até que praza a Deus dela fazer a morada de Espíritos mais avançados. E assim que o Espíritos, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve chega ao apogeu da felicidade (Kardec(C), 2000, p. 28).

O purgatório é um ponto intermediário, entre o céu e o inferno, onde foi admitido pela “Igreja no ano de 593 d.C. e estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis, por faltas de uma menor gravidade” (Kardec(C), 2000, p. 54). Para o espiritismo o purgatório se encontra numa realidade material que “vemos, tocamos e experimentamos; está nos mundos de expiação, e a Terra é um desses mundos” (Kardec(C), 2000, p. 56).

Para o espiritismo o inferno é um estado da alma:

Estando o sofrimento ligado à imperfeição, do mesmo modo que o prazer está à perfeição, a alma carrega, consigo mesma, o seu próprio castigo, por toda parte onde se encontre; para isso, não tem necessidade de um lugar circunscrito. O inferno, pois, está por toda parte onde haja almas sofredoras, do mesmo modo que o céu está por toda parte onde haja almas felizes (Kardec(C), 2000, p. 79).

O princípio das penas eternas, ser condenado (inferno) ou salvo (céu), segundo o espiritismo é uma negação de Deus. Um dos princípios do espiritismo é que as almas estão sempre evoluindo em sucessivas reencarnações, aqui e em outros mundos. Se forem condenadas eternamente após a morte, não passaram pelo progresso. “O dogma da eternidade absoluta das penas é, pois, irreconciliável com o progresso da alma, uma vez que a ele oporia um obstáculo invencível” (Kardec(C), 2000, p. 70).

“Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições” (Kardec(C), 2000 p. 64).

Admitindo que uma ofensa temporária contra a Divindade pudesse ser infinita, Deus, vingando-se com um castigo infinito, seria infinitamente vingativo; se é infinitamente vingativo, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, porque um desses atributos é a negação do outro. Se não é infinitamente bom, não é perfeito, e se não é perfeito, não é Deus (Kardec(C), 2000, p. 65).

Se o dogma das penas eternas, segundo o espiritismo, for verdadeira, Deus, estaria sendo negado.

### **3.6.1. Demônios**

Demônio é criatura encarregada de fazer o mal, produzir o sofrimento, voltada para a pura maldade, e carregada de grandes poderes. “A doutrina dos demônios tem, pois, sua origem na antiga crença nos dois princípios, do bem e do mal” (Kardec(C), 2000, p. 104).

O espiritismo nega essa idéia de um ser voltado totalmente para o mal, pois:

A palavra demônio não implica na idéia de Espírito mau senão na sua significação moderna, porque a palavra grega daimôn, da qual se origina, significa gênio, inteligência, se emprega para designar os seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção.

Por demônios, segundo a significação vulgar da palavra, se entendem seres essencialmente malfazejos. Seriam, como todas as coisas, criação de Deus. Ora, Deus que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres predispostos ao mal por sua natureza, e condenados por toda a eternidade. Se não são obras de Deus, seriam, pois, como ele, de toda a eternidade, ou então haveria várias potências soberanas (Kardec(E), 2000, p. 87).

A idéia de demônio no espiritismo nega a existência de Deus, pois se ele é perfeito e bom infinitamente, não poderia ter criado uma criatura levada para o mal absolutamente. Então segundo o espiritismo demônios, como são concebidos, não

existem. Existem espíritos imperfeitos que podem ser comparados a demônios, mas nada de um ser com grandes poderes e voltado para o mal absolutamente.

### **3.6.2. Anjos**

A idéia de anjos, como seres que foram criados superiores a outros seres não é aceita pelo espiritismo. Anjos segundo essa doutrina são as almas evoluídas, puras que passaram por constantes aperfeiçoamentos até atingirem esse nível. A alma evoluída “pouco a pouco, se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até que tenha alcançado o estado de puro Espírito, ou anjo. Os anjos são, pois, as almas dos homens que chegaram ao grau de felicidade prometida” (Kardec(C), 2000, p. 99).

### **3.6.3. Jesus**

Para o espiritismo, Jesus não é Deus e sim um messias que veio trazer princípios para o aperfeiçoamento do homem, ou aos espíritos encarnados nesse mundo.

Não vim por mim mesmo, mas aquele que me enviou é o único Deus verdadeiro. – É de sua parte que venho. – Eu digo o que vi na casa de meu Pai. – Não cabe a mim vo-lo dar, mas isso será para aqueles a quem meu Pai o preparou. – Eu não procuro a minha vontade, mas à vontade daquele que me enviou. – Vós sois o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo que enviastes (Kardec(B), 2000, p. 134).

Jesus segundo o espiritismo foi a alma mais evoluída que encarnou aqui na Terra.

Jesus é para o homem o modelo da perfeição moral que a Humanidade pode pretender sobre a Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão da sua lei, porque ele estava animado de espírito divino e foi o ser mais puro que apareceu sobre a Terra (Kardec (E), 2000, p. 258).

Alguns elementos do espiritismo kardecista foram discutidos, porém, como esse é retratado no imaginário pentecostal?

### **3.7. O Espiritismo Kardecista no Imaginário pentecostal**

Nos três textos estudados o kardecismo é relacionado com as ofertas simbólicas concorrentes dos pentecostais, e todas consideram que o kardecismo é relacionado com o Diabo.

Através dos veículos de comunicação e das igrejas que tem estabelecido pelos rincões de nossa pátria e no exterior, o bispo Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra santa contra toda obra do Diabo. Neste livro, denuncia as manobras satânicas através do kardecismo, da Umbanda, do candomblé... coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem passar por orixás, exus, erês, e ensina a fórmula para que a pessoa se liberte do demônio que a domina. (Macedo, 2004, p. 8).

Para Macedo (2004), o Diabo é o inimigo. Na citação acima fica explicito o método do mesmo para combater as ofertas simbólicas concorrentes. Por meio da mídia, Igrejas e guerra santa os inimigos são combatidos. Por meio dessas estratégias é revelado quem são ou quem representa o Diabo no imaginário pentecostal. O Diabo ou “toda obra do Diabo” são: o kardecismo, a Umbanda, o candomblé...

O Kardecismo, uma religião que tem essa denominação por causa de seu fundador, Allan Kardec, é uma das representações do Diabo no imaginário coletivo dos pentecostais.

Na doutrina kardecista o Diabo é uma figura, ou um imaginário que não tem espaço. O Diabo não existe segundo as obras de Kardec. No máximo existem espíritos não evoluídos ou próximos da matéria.

A comunicação com os espíritos é uma das bases do kardecismo, e no Brasil a maneira mais difundida dessa comunicação é a psicografia e o maior representante dessa prática foi Chico Xavier.

No imaginário da obra de Macedo (2004, p. 52), toda prática de mediunidade é uma entrega aos demônios. Estes invadem o corpo e buscam uma morada e utilizam nomes de pessoas famosas para enganar.

Para Macedo (2004, p. 62), os demônios atuam no corpo todo ou em algumas partes: na perna, no braço, etc. Chico Xavier que era médium utilizava principalmente o braço para escrever. Assim no imaginário pentecostal isso seria uma ação do Diabo para enganar as pessoas.

Os centros espíritas, segundo o imaginário pentecostal presente na obra de Macedo, são locais que manipulam as pessoas para o lado dos demônios.

Muitos aparentes milagres são feitos nesses lugares, da seguinte maneira: o demônio que está fazendo a pessoa ter dores horríveis na cabeça, ao receber um passe, sai da cabeça da pessoa. Aí, vem o engano. Aquele demônio não abandona a pessoa, mas passa a agir em outro local do corpo. É claro, que um demônio não expulsa outro; entram em um acordo de cavalheiros. Por isso, muitos que freqüentam os centros espíritas dizem que foram também curados dessa ou daquela doença... os espíritos vão brincando de pique ou esconde-esconde nos seus corpos até que são chamadas para “desenvolver”, e então prestar “caridade”. (Macedo, 2004, p. 63).

No imaginário pentecostal as obras de Kardec são relacionadas com uma deturpação da Bíblia, que na verdade aproxima as pessoas dos demônios. O estudo do evangelho segundo o espiritismo “é uma deturpação dos sublimes ensinamentos de Jesus, feita por alguém que se fazia chamar Allan Kardec.” (Macedo, 2004, p. 73).

Para Macedo qualquer interpretação que venha a confrontar sua interpretação da Bíblia é vista com uma maneira de enganar e levar as pessoas para o lado dos demônios. “Algumas obras são recomendadas e as experiências com os demônios vão aumentando. Livros falsamente científicos e filosóficos; falsa filantropia...” (Macedo, 2004, p. 73).

No capítulo dois deste trabalho ficou explícito que a doutrina espírita kardecista no Brasil foi principalmente difundida por meio da literatura. Quando Macedo liga essas obras ao demônio ele coloca o espiritismo diretamente igual ao demônio. No imaginário coletivo pentecostal o espiritismo kardecista é um das representações do Diabo.

Soares, na sua obra *Espiritismo a magia do engano* (1984), confronta o espiritismo e argumenta que este é o Diabo e deve ser combatido.

O assunto “Espiritismo” necessita, em nosso país, de um tratamento especial por parte dos verdadeiros cristãos. É doloroso observar as estatísticas segundo as quais cerca de 60% da nossa população se envolve de alguma forma com a “religião do Diabo” (Soares, 1984, p. 9).

Além de o espiritismo representar o Diabo, a culpa ou o que levou a queda dos seres humanos do paraíso (presente na Bíblia), ele esteve presente no Eden. “Historicamente, pode-se dizer que é a falsa religião mais antiga da história da

humanidade, pois a primeira sessão espírita ocorreu no Éden, onde a serpente serviu de médium, Satanás de guia e Eva de assistente” (Soares, 1984, p. 14).

Esse mito da queda segundo a tradição Bíblica é causa de todo o mal. Os seres humanos devem e estão sofrendo por causa dessa falsa religião, que no imaginário defendido por Soares é o espiritismo.

Para Itioka (1990) o espiritismo é uma religião proibida por Deus, que já há muito tempo era combatida.

“Infelizmente Kardec não percebeu que muitas das “verdades” que aparentemente ele estava descobrindo eram coisas antigas, sendo já praticadas por diversos povos e civilizações, como a caldéia, a cananita, a filistéia, a assíria, a babilônica, a pérsica, a egípcia. Mas estas práticas eram terminantemente proibidas pelo Deus dos hebreus, no Antigo Testamento e no Novo Testamento (Itioka, 1990, p. 102).

As três citações foram expostas para representarem a intenção dos textos estudados, que ligam categoricamente o Kardecismo ao Diabo. Esse é o primeiro aspecto do Kardecismo no imaginário pentecostal, uma representação do Diabo.

Segundo Mariano (1999, p. 111) foi realizada uma pesquisa entre um grupo de pentecostais. Foi perguntado se existe religião demoníaca, 88% dos entrevistados relacionaram o kardecismo com o Diabo, afirmando que o mesmo é uma religião demoníaca.

No imaginário pentecostal, os espíritos que são convocados pelos médiuns, nas sessões espíritas, são demônios, que buscam corpos para levar o ser humano para a desgraça<sup>63</sup>. Esses espíritos segundo os textos são anjos decaídos que tentaram se opor a Deus, e por meio de Deus agem ou têm permissão para agir no

---

<sup>63</sup> Macedo (2004, p. 15); Itioka (1990, p. 115); Soares (1984, p. 33).

meio dos seres humanos. “... espíritos não passam de anjos decaídos ou demônios que tudo fazem para de alguma forma se expressar” (Soares, 1984, p. 37).<sup>64</sup>

Nos três textos o espiritismo kardecista é encarado como uma religião que deturpa a Bíblia e se esconde por trás do cristianismo e da ciência para enganar e atrair pessoas para o lado dos demônios.<sup>65</sup> O kardecismo no imaginário pentecostal é uma oferta simbólica concorrente e como as outras, é denominada de demoníaca e representante do Diabo.

## CONCLUSÃO

---

<sup>64</sup> Ver também Macedo (2004, p. 20).

<sup>65</sup> Macedo (2004, p. 73); Soares (1984, p. 57); Itioka (1990, p. 128).

O mal está presente em quase todos os lugares, ele é muito atuante e avança por vários meios. A Igreja Pentecostal contém o poder sagrado de combater o mal e vencê-lo. A Bíblia é a verdade por excelência para confirmar esse desígnio. Os porta-vozes das Igrejas pentecostais atuam nessa perspectiva na sociedade brasileira.

Os porta-vozes fecundam um imaginário que está presente na história ou inconsciente coletivo do Brasil<sup>66</sup>. Esse imaginário é usado como base para a atitude dos pentecostais.

Dados estatísticos<sup>67</sup> demonstram que mais de 80% dos pentecostais acreditam no Diabo. Esse símbolo é personagem central nos textos dos porta-vozes estudados nesse trabalho.

Os três textos interpretados constantemente argumentam a existência do Diabo, demônios e que esses serão vencidos pela “Igreja” que representa Jesus aqui na Terra.

O Espiritismo é o Diabo e os demônios agindo para enganar a todos, segundo os textos estudados.

Uma busca veemente para ligar todas as ofertas simbólicas concorrentes ao mal está transbordando nos discursos dos porta-vozes pentecostais. Este discurso presente nos textos é uma característica marcante que indica a tentativa de alcançar a hegemonia do mercado simbólico.

No contexto mundial que estamos vivendo discutido por Geertz (2001), a atitude dos pentecostais aqui no Brasil não é privilegio dos mesmos. Muitos (não só os porta-vozes dos pentecostais, mas também de outras ofertas simbólicas) vão na

---

<sup>66</sup> Para confirmar tal afirmação as obras de Menezes (1985), Souza (2002) e Velho (1985).

<sup>67</sup> Os mesmos estão no primeiro capítulo desse trabalho.

direção de difamar as ofertas simbólicas concorrentes, em todos os continentes do mundo.

Nos textos estudados os porta vozes atuam com uma postura fundamentalista, utilizam a super interpretação. Todas ofertas simbólicas concorrentes são ou fazem parte mesmo que indiretamente do Diabo, e a única salvação é a “Igreja”.

O objetivo dos pentecostais é a hegemonia do campo religioso e posteriormente interferir e atuar de forma favorável para si próprios nos outros campos (política, economia, etc) da sociedade<sup>68</sup>.

Nos textos estudados o Kardecismo é um agente do Diabo, pois nega a existência do mesmo e deturpa a Bíblia. Além disso, os pentecostais afirmam que aqueles que utilizam espíritos para curar ou doam seus corpos ou parte dele para a “caridade” está se entregando para os demônios e que as gerações futuras irão pagar por isso. Para os pentecostais outro indício que liga o Kardecismo ao Diabo é o fato de esses afirmarem que Jesus não é Deus e sim um espírito evoluído que viveu na Terra.

O Diabo é o centro do discurso dos textos em estudo. Nas três obras, a estratégia é utilizar inicialmente argumentos históricos que mostram infinidades de ofertas simbólicas ligadas aos demônios, desde os Egípcios, Gregos, Romanos, etc. Conseqüentemente ligam esse histórico às ofertas simbólicas concorrentes e argumentam que a salvação está na Bíblia (interpretada por eles) e na Igreja. Uma maneira de se livrar desse infortúnio é o batismo (rituais nos quais indivíduos passam a pertencer a Igreja Pentecostal).

---

<sup>68</sup> Sauer (2003), discute bem essa afirmação.

Com essa atitude, o pentecostalismo cria muros invisíveis que separam os “escolhidos” dos danados aos demônios. Essa postura não fica restrita ao campo religioso espalha-se para os demais campos da sociedade.

A Guerra Santa e o Diabo defendido nos textos arquetipos dos porta-vozes dos pentecostais criam um imaginário que molda a realidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2000.
- ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.
- BACZO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi, V. 5. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1996.
- BINGEMER, Maria C. L.(org). *Violência e Religião*. São Paulo: Loyola, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas(A)*. Trad. Sergio Miceli. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico(B)*. Trad. Fernando Tomaz. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- BRAGA, Júlio. *O jogo de Búzios: Um da adivinhação no candomblé*. São Paulo: brasiliense, 1988.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.
- COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse*. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião*. Trad. Carlos Maria Vasquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. Trad. Maria Lucia Machado. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DURAND, Gilbert. *O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Trad. Renée Eve Levié. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. Trad. Mônica Stahel. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. .

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FILORAMO, Giovanni. PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

FRESTON, Paul. *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FRY, Peter. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O Livro das Religiões*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

GONZÁLEZ, José L. *Catolicismo Popular*. São Paulo: Vozes, 1993.

HALL, Calvin. LINDZEY, Gardner. *Teoria da Personalidade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

ITAOMAN, Mestre. *Pemba A Grafia Sagrada dos Orixás*. Brasília: Thesaurus, 1990.

ITIOKA, Neuza. *Os Deuses da Umbanda*. São Paulo: ABU, 1990.

ISTOÉ. *Educação: Veja uma nova faculdade no País*. 17 de março/2004 nº1797.

JUNG, Carl G. *O homem e seus Símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KARDEC, Allan. *O Principiante Espirita*. Trad. Julio Abreu Filho. 7.ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

KARDEC, Allan. *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*. Trad. Cairbar de Souza Schutel. 6.ed. Matão: O Clarim, 1987.

KARDEC, Allan. *A Gênese: Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo Espíritos(A)*. Trad. Salvador Gentile, 130.ed. Araras: IDE, 2000.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*(B). Trad. Salvador Gentile. 24.ed. Araras: IDE, 2000.

KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*(C). Trad. Salvador Gentile. 51.ed. Araras: IDE, 2000.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*(D). Trad. Salvador Gentile. 23.ed. Araras: IDE, 2000.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*(E). Trad. Salvador Gentile. 23.ed. Araras: IDE, 2000.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*(F). Trad. Salvador Gentile. 23.ed. Araras: IDE, 2000.

KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. TRd. Wallace Leal V. Rodrigues. 23 ed. São Paulo, lake, 1987.

KLOPPENBURG, Boaventura. *O Espiritismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1960.

KLOPPENBURG, Boaventura. *O Livro Negro do Espiritismo*. Petrópolis: Vozes, 1960.

KOLAKOWSKI, Leszek. *O Diabo. Religião e Sociedade*. Trad. Rubem César Fernandes. Vol. 12, 1985.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LINK, Luther. *O Diabo: A Máscara sem Rosto*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.

MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Universal, 2004.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIO, Marcus Alberto. *Espiritismo e Cultura: elementos de história, teologia e antropologia*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico: Um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. – *A quotidianidade do Demônio na cultura popular. Religião e Sociedade*, Vol. 12 (2). 1985.

- MOREIRA, Alberto da Silva. *Novas igrejas e movimentos religiosos: o pentecostalismo autônomo*. Cadernos do IFAN, Bragança Paulista: Edusf, n. 15. 1996.
- MORAIS, Jomar. *Satã Vive*. Super Interessante. 174.ed., mar. |p. 55-61.| 2002.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Anuário Histórico Espírita*. São Paulo: Madras, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social Da Psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo Séculos XII-XX*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. Bauru: EDUSC, 2000.
- O'DEA, Thomas F. *Sociologia da religião*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PACE, Enzo. *Religião e Globalização*. In: ORO , Ari p. e STEIL, Carlos A. (Orgs.) *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997 p. 25-42.
- PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PRANDI, Reinaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.
- REVISTA DAS RELIGIÕES. *A Origem de Deus*. 7. ed. março|2004.
- REVISTA DAS RELIGIÕES. *A força do Espiritismo*. 6. ed. fevereiro|2004.
- REVISTA DAS RELIGIÕES. *Quem são os Anjos?* 18. ed. fevereiro|2005.
- RIBEIRO, José Ricardo. In: Menezes, Elisa. *Qual a diferença entre sincretismo e ecumenismo?* Revista das Religiões: O Mundo da Fé. 10ed.| junho|p.13|2004.
- ROCHER, Guy. *Sociologia geral*. Trad. Ana Ravara. Lisboa: Editrial Presença, 1971.
- SANTOS, José Luiz dos. *Espiritismo: Uma religião brasileira*. São Paulo: Moderna, 1997.

SANTOS, Juana Elbein. *Os Nagô e a Morte*. Trad. Universidade Federal da Bahia. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SARMATZ, Leandro. *Que Religião é essa?* Super Interessante. 180.ed. setembro/p. 43-54/ 2002.

SAUER, Sérgio. Religião e Pós – Modernidade. Anotações Esparsas de um Debate Contemporâneo, *Fragmento de Cultura* |Goiânia |v.15| p. 1 – 196 | set. | 2003.

SILVA, J. C. Avelino. *Zeus e a Lógica do Mito*. Goiânia: Descubra, 2003.

SOARES, R. R. *Espiritismo a magia do engano*. Rio de Janeiro: Graça, 1984.

SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo: Edusp e Orion, 2003.

SWAIN, Tania Navarro (org.) *História no Plural*. In: IDEM. *Você disse imaginário?* Brasília: UnB, 1993, p. 43-67.

VEJA. *A Fé que Move o Brasil*. 1731. ed. Dezembro|2001.

VEJA. *A Nação Evangélica*. 1758. ed. Julho|2002.

VEJA. *Fé*. 1834. ed. Dezembro|2003.

VELHO, Otávio. *Cativeiro da Besta – Fera*. *Religião e Sociedade*, Vol. 12 (2). 1985.

VERÍSSIMO, Jean F. D. *Espiritismo no Imaginário Católico*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.